

PSICOPATAS

A MENTE E A VIDA DE QUEM
NÃO TEM SENTIMENTOS

SEGREDO DA
mente

HOMENS ou MULHERES:

em quem a psicopatia é mais comum?

PERIGO NO TRABALHO

Como lidar com chefes e colegas psicopatas

ALERTA LIGADO!

Conheça os sinais que entregam um sociopata

Eles são mais

INTELIGENTES?

Todos são

ASSASSINOS?

+ outros mitos e verdades

Ilustração de Mente - Psicopatas - Ano 1, nº 1 - 2015

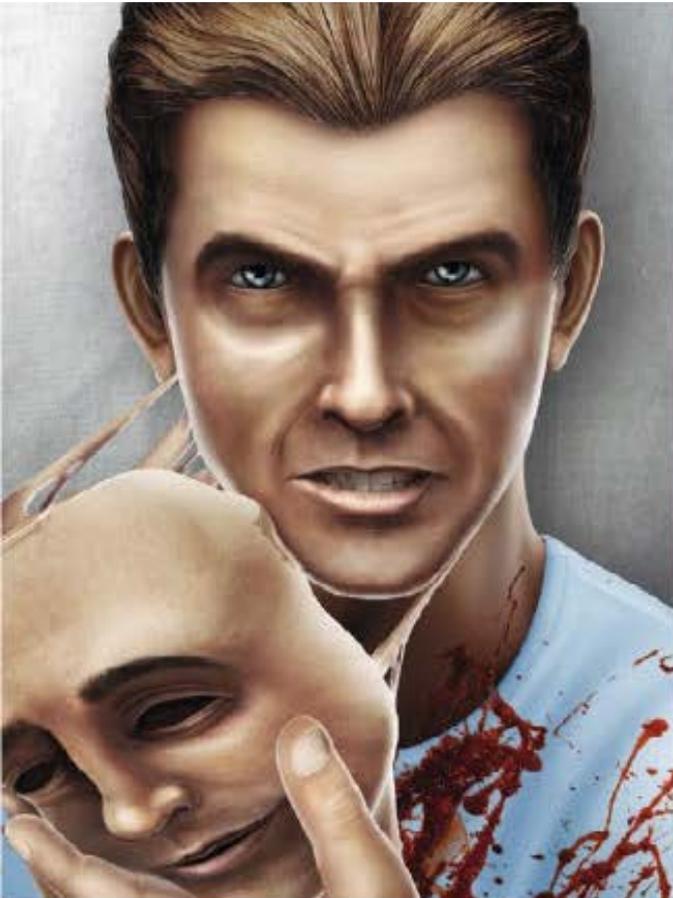


R\$ 12,90



Quem são os
PSICOPATAS?

Mentirosos, sedutores e manipuladores, para eles não existem leis



Inimigo desuendado

Você já deve ter assistido a um filme, seriado ou até lido livros em que psicopatas eram os vilões da história. Geralmente, são seres frios e calculistas que planejam o crime perfeito sem piedade de suas vítimas. Entretanto, eles não são apenas personagens de ficção, pois seus delitos violentos estampam capas de jornais todos os anos. Assim, ganham destaque e chocam muitas pessoas que se perguntam: “mas por quê?”. Para tentar solucionar esta dúvida e esclarecer os mistérios que giram em torno do cérebro psicopata, nesta edição especial de **SEGREDOS DA MENTE**, você ficará por dentro dos principais comportamentos, as origens do transtorno, os métodos de diagnóstico e as possíveis terapias utilizadas por especialistas na área. No entanto, nem tudo são flores e é preciso saber conviver! Até porque, psicopatas podem estar em qualquer lugar, seja no consultório do dentista, no trabalho ou mesmo na sua sala de estar...

Boa leitura!

A redação

índice

04 Por dentro do transtorno

Entenda como a psicopatia se manifesta e quais são suas causas

08 Como identificar

O diagnóstico, os traços de personalidade e o comportamento no dia a dia

12 Entre gêneros

Há diferenças nas atitudes de homens e de mulheres psicopatas?

14 Universo infantil

O comportamento desrespeitoso das crianças pode ser um indício do transtorno

16 Serial killers da vida real

Assassinos em série que premeditaram seus crimes e marcaram a história

22 Na mesa ao lado

Descubra como psicopatas agem no ambiente empresarial. Seriam eles mais competitivos?

27 Pelo olhar da psiquiatria

As características de outros transtornos de personalidade bem comuns

32 Perante a lei

Após um crime, como a Constituição Brasileira e o Código Penal julgam os psicopatas

36 Medicamentos ou terapia?

Saiba mais sobre o tratamento indicado para os portadores do distúrbio

38 Foi por “amor”

Criminosos passionais seriam psicopatas? Conheça mais sobre as emoções que estão por trás dos delitos

42 Na ficção

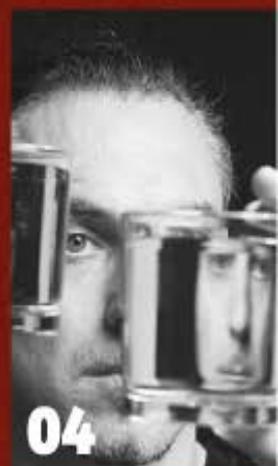
Personagens famosos que marcaram o cinema, as séries e os livros

48 Mitos e verdades

Confira as respostas para nove perguntas frequentes quando o assunto é psicopatia

50 Saiba mais

Liros indicados para ficar por dentro do tema



04



27



32



36

Desvendando a psicopatia

Embora a ficção os apresente como criminosos, eles carregam um transtorno que merece atenção

TEXTO E ENTREVISTAS
ÉRICA AGUIAR / COLABORADORA



A psicopatia é quase sempre relacionada a personagens de ficção (seja de livros, filmes ou séries) que cometem os crimes mais bárbaros, torturam suas vítimas e, claro, manipulam quem está à sua volta para alcançarem seus objetivos. Contudo, por trás de toda essa história, existe um transtorno de personalidade que atinge de 0,2% a 3,3% da população mundial, de acordo com os dados da 5ª edição do Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-5). Dessa forma, é importante desmitificar a personalidade e o comportamento daqueles que são quase sempre rotulados como frios e violentos por escolha própria.

As definições

O transtorno de personalidade antissocial, além de estar presente no DSM-5, também está descrito na Classificação Internacional de Doenças (CID-10), publicado pela Organização Mundial da Saúde. De acordo com a psiquiatra Andrea Kraft, “os transtornos de personalidade não são doenças, mas anormalidades da psiquê, onde há uma dissonância do afeto e da emoção. Na psicopatia, existe uma falta de empatia e de emoção em relação ao outro. Quando há uma exacerbação desta insensibilidade, estes indivíduos são classificados como sociopatas ou psicopatas”. Entretanto, o termo “psicopatia” não aparece nas classificações internacionais de doenças, pois não é um diagnóstico psiquiátrico atual, mas uma forma de denominar as características da personalidade.

De transtorno mental a antissocial

A história do conceito de psicopatia mudou bastante ao longo dos anos e também entre os próprios psiquiatras, devido ao aperfeiçoamento das pesquisas na área. “De uma maneira geral, no século 19, quando a psiquiatria se constituía, psicopatia era sinônimo de transtorno mental. Já no início do século 20, o termo passou a significar transtornos de personalidade, isto é, transtornos persistentes, de longa duração, caracterizados por padrões inflexíveis de comportamentos, pensamentos e sentimentos, que causam sofrimento para a pessoa ou para os outros, e que são muito diferentes do esperado para o contexto cultural”, explica o psiquiatra Claudinei Biazoli.

Contudo, no decorrer do século 20, a psicopatia passou a significar um transtorno de personalidade específico. Hoje, é chamado de

antissocial (de acordo com a classificação da Associação Americana de Psiquiatra, responsável pelo DSM) ou transtorno dissocial (para o CID). “Mais recentemente, em 2013, na última edição do DSM, o termo ‘características psicopáticas’ foi empregado em uma nova proposta voltada à classificação dos transtornos de personalidade para um subgrupo do transtorno de personalidade antissocial”, acrescenta Biazoli.

Alterações neurológicas

De acordo com os especialistas, as origens do distúrbio são multifatoriais. “Não consistem sobre um fator específico. Sendo assim, há vários históricos das possíveis causas, desde traumas psicológicos a questões genéticas”, explica o psiquiatra Antonio de Pádua Serafim. Dessa forma, tanto a genética quanto o ambiente podem contribuir para o surgimento do transtorno ainda antes da vida adulta (leia mais na página 14).

De acordo com Biazoli, existem muitas pesquisas que buscam identificar diferenças na anatomia ou em funções cerebrais específicas de pacientes com o transtorno antissocial. “No entanto, os resultados desses estudos ainda não são conclusivos. Vale ressaltar que as classificações em psiquiatria, hoje, não se baseiam na causa dos transtornos mentais, na presença de lesões cerebrais ou diferenças entre os funcionamentos cerebrais dos pacientes”, acrescenta.

Há ainda algumas evidências (mas nada conclusivo) de que o uso de álcool e cigarro durante a gravidez pode influenciar no desenvolvimento do transtorno. “Sabe-se que histórico de abuso de substâncias [psicoativas] pelos pais ou outros membros da família aumenta o risco do transtorno”, afirma Biazoli. Outros fatores incluem diagnóstico de transtorno de conduta na infância, história familiar de transtorno mental, ter sofrido abuso verbal, físico ou sexual na infância, possuir um ambiente familiar instável e a perda dos pais. Contudo, não existem formas efetivas de prevenção.

“Todo cuidado é pouco ao rotular alguém com este diagnóstico”.

Cleunice Menezes, psicóloga

Sem emoção ou culpa

Mas será que todos os psicopatas são capazes de mentir, cometer crimes e manipular quem está ao seu redor? E existe mesmo uma classificação de teor de “maldade”? De acordo com Antônio Serafim, não há níveis do transtorno, mas características marcantes como indivíduos manipuladores, exploradores e sádicos.

Entre os principais traços do caráter, estão a falta de emoção e ausência de culpa sobre seus atos. “São pessoas incapazes de sentir empatia com outros indivíduos; angústia e remorso são sentimentos impensáveis para pessoas diagnosticadas desta forma. Outras características que eles não possuem e merecem destaque são senso crítico e noção ética”, detalha a psicóloga Cleunice Menezes.

Ainda de acordo com a especialista, em um relacionamento amoroso, os indivíduos com o transtorno se apresentam insensíveis e não gostam de compromissos. Além disso, são incapazes de frear seus impulsos e raramente aprendem com seus erros. “Os portadores dessa estrutura psíquica causam boa impressão e são considerados normais por aqueles que conhecem superficialmente. Porém, costumam ser egocêntricos, desonestos e mentirosos”, acrescenta Menezes.

Em suas relações sexuais, também podem ser exploradores e terem vários parceiros. É possível que nunca sustentem relacionamentos monogâmicos por muito tempo pois, quando se envolvem com outra pessoa, é com a pretensão de alcançar seus objetivos, seja poder, status ou apenas por pura diversão. Assim, estão sempre em busca de pessoas manipuláveis para se relacionarem.

Entretanto, tal comportamento não impede que se tornem pais, porém costumam ser irresponsáveis. Há históricos de que os filhos de pessoas com o transtorno sofrem com má nutrição e falta de higiene, por puro descuido e falta de compromisso. Assim, as crianças dependem de vizinhos ou outros familiares para conseguir comida e abrigo.

Crítérios de diagnóstico

Para que se chegue ao diagnóstico correto, é preciso que o indivíduo apresente comportamento desrespeitoso e tenha o costume de violar os direitos de outras pessoas desde antes dos 15 anos de idade. Contudo, de acordo com o DSM-5, o laudo final só pode ser concedido a partir dos 18 anos, mesmo que o adolescente apresente essa conduta desde a infância.





Em relações sexuais, psicopatas podem ser exploradores e manter diversos parceiros.

Além das características especificadas anteriormente, os portadores do transtorno tendem a cometer várias vezes o mesmo ato ilícito, que os levam para a detenção. Isso porque, em busca do prazer ou lucro pessoal, enganam outras pessoas. Além disso, são imprudentes quanto à própria segurança.

Ainda segundo o Manual de Diagnóstico, o transtorno parece estar associado com um nível socioeconômico mais baixo e ambientes urbanos. Entretanto, é possível que os laudos tenham sido mal aplicados a indivíduos que aparentam ter comportamento antissocial, porém tal conduta pode fazer parte de sua estratégia de sobrevivência e proteção em ambientes específicos. Assim sendo, como também acontece com outros transtornos de personalidade, é preciso que especialistas considerem o contexto social e econômico de cada paciente antes de dar a avaliação definitiva do caso.

Fazer o diagnóstico do distúrbio não é fácil, principalmente na hora de identificar os aspectos descritos pelo DSM. Segundo Menezes, “todo cuidado é pouco ao rotular alguém com este diagnóstico”.

Anomalias cerebrais

Uma pesquisa recente da Universidade de Montreal, no Canadá, mostrou que indivíduos com o transtorno de personalidade antissocial podem apresentar algumas anormalidades em partes específicas do cérebro, relacionadas à noção de punição. Isso explicaria porque, mesmo após serem presos pelos crimes que cometeram, apresentam altas taxas de reincidência.

Para o estudo, a amostragem selecionada foi de 50 homens, sendo que 32 estavam presos e apresentavam características da personalidade psicopata. Eles haviam sido condenados por assassinato, tentativa de homicídio, lesão corporal e estupro. Os resultados mostraram que seus cérebros apresentam anormalidades estruturais na massa cinzenta, responsável pelo processamento de informações e cognição, e na substância branca, que coordena o fluxo de dados entre as diferentes partes do órgão.

Depois de diversas ressonâncias magnéticas, foi encontrado um volume menor do que o normal no córtex pré-frontal rostral desses indivíduos e também nos polos temporais, ligados à empatia, raciocínio moral e processamento de culpa e vergonha. Já no cíngulo dorsal (parte do órgão relacionada à falta de empatia), foram encontradas anomalias na massa branca. Desse modo, por apresentarem “defeitos” nas áreas envolvidas com a apreensão de recompensas e punições, esses indivíduos reincidem em crimes mais vezes do que outros presos.

CONSULTORIAS Andrea Kraft, psiquiatra especializada em terapia cognitiva e comportamental; Antonio de Pádua Serafim, psiquiatra e coordenador do Núcleo Forense do Instituto de Psiquiatria (IPq) do Hospital das Clínicas na Universidade de São Paulo (USP); Claudinei Biagoli, psiquiatra e professor na Universidade Federal do ABC (UFABC) com experiência na área de neuroimagem; Cleunice Menezes, psicóloga e psicanalista especializada em doenças da mente e dependência química; Renata Alves Paes, neuropsicóloga e doutora em neurociência.

FONTE 5ª edição do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM-5).

NEUROTRANSMISSOR COM “DEFEITO”?

Uma das dúvidas relacionadas aos cérebros de psicopatas é o fato de que eles produzem uma maior quantidade de dopamina, neurotransmissor envolvido com a aprendizagem, o humor, as emoções, a cognição e a memória. Segundo o psiquiatra Claudinei Biagoli, não há evidências consistentes de possíveis alterações de neurotransmissores em pessoas com o transtorno de personalidade antissocial. Entretanto, de acordo com a neuropsicóloga Renata Alves Paes, pesquisas genéticas relacionadas à atividade da dopamina no cérebro têm focado no estudo da atividade da monoaminoxidase A (enzima que decompõe importantes neurotransmissores), que é codificada pelo gene MAOA. “Uma mutação nesse gene resulta em níveis anormais de dopamina, serotonina e noradrenalina, que estão mais associados com a impulsividade”, explica Paes.

A máscara da SANIDADE

Apesar de se passar por
bonzinho, alguns sinais
podem entregar um psicopata

TEXTO NATÁLIA NEGRETTI
ENTREVISTAS NATÁLIA NEGRETTI E ÉRICA AGUIAR/COLABORADORA



Psicopatas não têm nenhum sinal físico que o identifiquem, nem internamente e muito menos externamente. O transtorno não é possível de ser diagnosticado por meio de um exame morfológico, por exemplo, nem com o indicativo de anormalidade estética, como a síndrome de Down. Mas muito pelo contrário: o psicopata ainda se faz passar por alguém comum, como você que lê esta matéria.

Defendendo esta ideia, o psiquiatra norte-americano Hervey Cleckley criou o termo “máscara da sanidade”, ao publicar um livro homônimo, em 1941, em que relata a descrição clínica mais influente da psicopatia do século 20. Pioneiro do estudo do transtorno, Cleckley acreditava que um psicopata pode parecer uma pessoa como qualquer outra e até mesmo interessante, mas usando uma máscara que esconde o transtorno mental. No entanto, até o mais articulado dos atores uma hora deixa a máscara cair...

Diagnóstico difícil

Assim como qualquer transtorno, a psicopatia somente pode ser diagnosticada por profissionais capacitados, isto é, especialistas no assunto – e mesmo assim, não é algo fácil. A capacidade de dissimulação do psicopata dificulta uma identificação rápida e precisa; por isso, muitas vezes, é preciso diversas consultas e conversas para ter certeza do quadro.

Além disso, os sinais podem ser confundidos com outros transtornos (veja mais na página 27), o que pode levar à solicitação de exames para confirmar o distúrbio. “O diagnóstico é dado pelo psiquiatra, que pode exigir testes psicológicos feitos por um psicólogo, claro. Outras vezes, é preciso um neurologista por alguns apresentarem sinais EEG [eletroencefalograma, exame que mede a atividade elétrica cerebral] anormais. A história do paciente é importante para o diagnóstico, mas, às vezes, o indivíduo mascara os fatos, o que leva o psiquiatra a pedir os testes e o EEG”, explica o psiquiatra João Jorge.

Ilustração: Eugenio Tonon. Imagens: Shutterstock Images

Teste especial

Uma das ferramentas usadas pelos especialistas é o PCL-R (*psychopathy checklist-revised*) ou Escala Hare, um questionário elaborado pelo psicólogo canadense Robert D. Hare, na década de 1970, a fim de diagnosticar tendências comportamentais antissociais e a psicopatia. Com 20 questões, o método foi desenvolvido, a princípio, para avaliar pessoas acusadas de crimes, sendo até hoje usado em processos criminais. A pontuação, dada pelo especialista, vai do número 0, para quem não apresenta característica nenhuma, até o 24, considerado o grau máximo de psicopatia. O teste se dá em duas partes: uma entrevista com o indivíduo em suspeita e uma revisão de seus registros – por mentirem muito, é preciso checar as informações no histórico familiar, profissional, escolar e criminal. O profissional que aplica o PCL-R deve analisar as características do paciente perante os itens do questionário que abrangem as relações interpessoais do sujeito, seu envolvimento afetivo ou emocional, respostas a outras pessoas ou situações, provas de desvio social e estilo de vida. Portanto, o material inclui aspectos fundamentais que ajudam a definir o psicopata, como vitimização, egoísmo e comportamento antissocial. “Reconhecer previamente um sociopata é complicado, pois normalmente são muito estratégicos, inteligentes e arditos. Costuma-se dizer que, infelizmente, são reconhecidos apenas depois de terem cometido algum ato lesivo”, destaca a psicóloga Raquel Staerke.

“O diagnóstico é feito por meio de alterações de comportamento e de interação com outras pessoas.”

Sérgio Tamai, psiquiatra

Fique atento

Apesar de somente especialistas serem aptos a identificarem um psicopata, é possível ficar atento em alguns hábitos no dia a dia daquela pessoa que deixa você com a pulga atrás da orelha. “Quanto a sinais indicativos, podem haver aqueles em que se observa comportamentos lesivos e frequentes, manifestados por crianças, adolescentes e adultos, sem a consequência de qualquer comoção desse indivíduo diante dessas ações”, aconselha Staerke.

Outra dica é observar como ele lida com seus impulsos. “Acredita-se, na linguagem psicanalítica, que o psicopata é uma pessoa que congenitamente nasceu sem o ‘superego’, ou seja, a parte

da personalidade que serve como limitador e controlador dos impulsos que, livremente e sem qualquer controle, brotam do seu inconsciente”, explica o psiquiatra Vladimir Bernik, apoiando-se em teorias da psicanálise.

Se você convive com o suspeito há bastante tempo, é ainda mais fácil notar que há algo de errado. “Não raro, na infância, costumavam encantar facilmente adultos pela sua aparente docilidade e espontaneidade. Entretanto, já apresentavam traços de frieza, insensibilidade, intolerância à frustração e agressividade – que podem ser evidentes em condutas tais como mentir e maltratar outras crianças e animais”, destaca o psiquiatra Sérgio Tamai.

imagens Shutterstock/Imagens



Ao contrário do que é mostrado em filmes, livros e séries, nem todo psicopata é assassino.

Identificar um psicopata é algo muito importante não só para que se possa procurar ajuda e tratamento, mas também para preservar a integridade de quem convive no mesmo ambiente da pessoa com o distúrbio. “É preciso compreender que o transtorno de personalidade antissocial é um problema grave de saúde mental e que apresenta consequências importantes não só para quem sofre da psicopatia, mas para quem convive em seu entorno”, afirma o psicólogo Armando Ribeiro. Ainda de acordo com o especialista, reconhecer os sinais é um dos passos para lidar melhor com quem tem esse transtorno, já que, muitas vezes, não é possível se afastar totalmente.

Sinais de psicopatia

Há diversos comportamentos e características que enquadram um indivíduo como portador do distúrbio. Porém, isso não significa que uma pessoa que apresenta alguns dos sinais seja, necessariamente, um psicopata. É vice-versa: uma pessoa pode ter o transtorno de personalidade antissocial e não apresentar alguns dos sinais. De qualquer forma, é indicado prestar atenção nas seguintes características listadas pelo psiquiatra Hervey Cleckley:

- atração superficial;
- boa inteligência;
- inexistência de delírios ou outros sinais de pensamento irracional;
- ausência de nervosismo;
- ausência de confiabilidade;
- falta de veracidade;
- inexistência de remorso ou vergonha;
- comportamento antissocial;
- julgamento precário;
- incapacidade de aprender com a experiência;
- inexistência de correspondência nas relações interpessoais;
- egocentrismo patológico;
- incapacidade de amar e insuficiência geral das principais ações afetivas;
- vida sexual impessoal, corriqueira e pouco integrada;
- incapacidade de seguir um plano de vida.

CONSULTORIA Armando Ribeiro, psicólogo e coordenador do Programa de Avaliação do Estresse do Centro Avançado em Saúde da Beneficência Portuguesa de São Paulo; João Jorge, psiquiatra, hipnista e psicoterapeuta, presidente da Associação Brasileira de Hipnose (ASBH); Raquel Staerke, psicóloga e professora no Centro Universitário Celso Lisboa (RJ); Sérgio Tamaí, psiquiatra e presidente do Departamento de Psiquiatria da Associação Paulista de Medicina (APM); Vladimir Bemik, coordenador da equipe de psiquiatria do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, São Paulo (SP).

PEGOS NO BOCEJO

Você vê uma pessoa bocejando e, de repente, também está abrindo a boca, não é? Diversas teorias científicas tentam explicar o motivo de o bocejo ser tão “contagioso”. Conforme uma das mais aceitas, a culpa é dos neurônios-espelho, que são agentes que gravam a forma como nos comportamos em determinadas situações e baseiam ações futuras. Assim, quando você vê alguém bocejando, tais neurônios desencadeiam o ato-reflexo, que não é possível controlar. A partir desta ação-reação, um estudo da Universidade Baylor, no Texas, Estados Unidos, apontou que é possível descobrir se uma pessoa é psicopata ao bocejar na frente dela. Isso porque indivíduos com o transtorno não sentiriam a necessidade de repetir o ato – logo, não têm desenvolvidas áreas no cérebro relacionadas à empatia. Os pesquisadores analisaram um grupo de 133 estudantes que possuíam características relacionadas ao comportamento de psicopatas, como narcisismo, egocentrismo e frieza. Foram mostrados a eles vídeos de pessoas com diversas expressões faciais, entre elas o de bocejar; e os cientistas notaram que os estudantes que apresentaram sinais de psicopatia eram menos propensos a responder aos bocejos. No entanto, os pesquisadores destacam que o resultado não é conclusivo. De qualquer forma, não custa nada soltar um bocejo perto daquele colega que costuma ser mau-caráter...

Questão de gênero?

Tanto homens quanto mulheres estão sujeitos à psicopatia

TEXTO NATÁLIA NEGRETTI
ENTREVISTAS ÉRICA AGUIAR/
COLABORADORA E NATÁLIA NEGRETTI

Quando se fala em psicopata, qual a primeira imagem que vem à sua cabeça? Se a resposta foi um homem com cara de mau, você pensa como a maioria das pessoas que relaciona o transtorno como típico do sexo masculino. Porém, mulheres estão tão propensas como qualquer homem, ainda que elas apresentem menor incidência do distúrbio. “Em revisões da literatura sobre o percentual da psicopatia entre homens e mulheres, foram encontradas, no geral, taxas mais baixas de prevalência do transtorno em mulheres do que entre os homens”, afirma a psiquiatra Andrea Kraft.

Estudando a fundo

Há diversas pesquisas sobre o desenvolvimento do transtorno de personalidade antissocial entre os gêneros. A maioria aponta que, além da diferença na prevalência e incidência, cada sexo apresenta alterações na idade de manifestação e, principalmente, em relação ao comportamento. Enquanto a falta de empatia, a impulsividade e a delinquência juvenil são destaques entre o sexo masculino, o comportamento sexual promíscuo e o abuso de substâncias alcoólicas são mais evidentes no feminino.

Quando o assunto é violência, as mulheres apresentam menor índice de crimes. Além disso, no caso delas, os primeiros sintomas costumam aparecer durante a pré-puberdade; já entre os homens, surgem antes deste período. Porém, há manifestações classificadas como comuns aos dois sexos, como insensibilidade, violência, emoções superficiais e ausência de culpa.

Paranoicas e histéricas

Apesar destes dados, o número de estudos relacionando o sexo feminino ao transtorno é menor do que os que relacionam ao masculino. Assim sendo, as informações não podem ser consideradas tão completas e abrangentes. E ainda: pode ser que a psicopatia não seja diagnosticada em muitas mulheres por falta de aprofundamento dos especialistas, dificultando a identificação do transtorno neste grupo. Frente ao crescimento de crimes cometidos pelas mulheres, torna-se importante a maior atenção ao sexo feminino. O diagnóstico correto se torna importante tanto para o melhor tratamento destas criminosas, quanto para evitar problemas futuros com seus filhos, já que o comportamento frio do transtorno na maternidade pode gerar consequências no desenvolvimento da criança.



PSICOPATIA TEM A VER COM HISTERIA?

Originária da palavra grega *hysterá*, que significa útero, a histeria foi classificada como uma suposta condição peculiar a mulheres, causando problemas no útero e, conseqüentemente, perturbações mentais. Com o desenvolvimento de estudos, soube-se que esta relação era equivocada. Tanto que, atualmente, o correto é mencioná-la como transtorno de personalidade histriônica. Como a pessoa apresenta comportamentos estranhos, é comum que se confunda psicopatia com histeria, principalmente no caso das mulheres (herança da crença ultrapassada). No entanto, os transtornos não têm nada em comum. "A histeria mistura características típicas de personalidade explosiva dentro de um quadro agudo de ansiedade, que pode vir a se tornar agressivo", afirma o psiquiatra Vladimir Bernik. "É um quadro de perfil de estrutura de personalidade com outras características que em nada se aproxima da psicopatia", afirma a psicóloga Raquel Staerke.

Com o que se sabe hoje em dia, alguns pesquisadores consideram que as mulheres psicopatas tendem a serem mais paranóicas e **histéricas** em comparação aos homens, além de estarem envolvidas em cuidados com o próximo, como a profissão de enfermeira.

Nem tão diferentes assim

Se, por um lado, alguns estudos apontam diferenças do transtorno entre os sexos, por outro, especialistas afirmam não haver divergência alguma, a não ser pela forma de agir. "Não há diferença entre homens e mulheres, a não ser, talvez, na estratégia de ação. Afinal, os meios femininos sempre são diferentes dos masculinos", opina a psicóloga Raquel Staerke. O psiquiatra Vladimir Bernik concorda com a especialista: "o que pode acontecer é que o tipo da prática dos atos de agressão à sociedade seja diferente quando feitos por homens ou por mulheres".

Sem generalizações

Como já foi apresentado na matéria da página 4, a manifestação do transtorno de personalidade antissocial depende de diversos fatores. Sendo assim, nunca é demais lembrar que somente o gênero não define o comportamento de um indivíduo. "De natureza multifatorial, o transtorno pode ser compreendido por meio de teorias sobre influências biológicas (como vulnerabilidade genética, excitação baixa e limiar elevado do medo), influências psicológicas (dificuldade em aprender a evitar punição e indiferença em relação a preocupações dos demais, por exemplo) e influências socioculturais (como criminalidade, estresse e exposição à experiência traumática, disciplina inconstante por parte dos pais e dificuldades socioeconômicas)", destaca o psicólogo Armando Ribeiro.

CONSULTORIAS Andrea Kraft, psiquiatra especializada em terapia cognitiva e comportamental pela Universidade de São Paulo (USP); Armando Ribeiro, psicólogo e coordenador do programa de avaliação no estresse do Centro Avançado em Saúde, da Beneficência Portuguesa de São Paulo (SP); Raquel Staerke, psicóloga e professora do Centro Universitário Celso Lisboa (RJ); Vladimir Bernik, coordenador da equipe de psiquiatria do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, São Paulo (SP).

FONTE Artigo *Psicopatia em homens e mulheres*, de Cema Cardoza Gomes e Rosa Maria Martins de Almeida.

"O transtorno de personalidade antissocial atinge 3% dos homens e menos de 1% das mulheres."

Armando Ribeiro, psicólogo



Lobo em pele de cordeiro

Embora pareçam inofensivas, crianças também podem apresentar características do transtorno de personalidade antissocial

TEXTO E ENTREVISTAS
ÉRICA AGUIAR/COLABORADORA

IDENTIFICANDO

Segundo a psicóloga Cristiane Martin, geralmente, os traços de comportamento indicativos de transtornos de conduta, em crianças e adolescentes, são:

- Comportamento irresponsável, explorador e insensível;
- Colocar a culpa nos outros;
- Baixa tolerância à frustração;
- Estabelecer relacionamentos, porém não manter vínculos por muito tempo;
- Não respeitar normas, regras e obrigações sociais;
- Presença de mentiras em todas as histórias;
- Falta de solidariedade;
- Cometer atos de vandalismo, sem a menor culpa;
- Maltratar, torturar e até matar animais;
- Serem altamente egocêntricos.

Desrespeitar as regras estabelecidas pelos pais ou professores, maltratar animais, brigar com colegas da escola, mentir com frequência, colocar a culpa das suas ações em outras pessoas... Estas são algumas das atitudes de “psicopatas mirins”. Entretanto, o diagnóstico só é dado aos 18 anos, pois, até essa idade, os pequenos ainda não têm a personalidade totalmente formada. “Pode simplesmente haver um transtorno de conduta que pode caminhar ou não para um transtorno antissocial no futuro. Portanto, é recomendada uma avaliação profissional o quanto antes, caso haja suspeita”, explica o psicólogo Luciano Passianotto.

Qual a origem?

De acordo com o psicólogo Flávio Torrecillas, não se sabe ao certo a origem e a causa do transtorno. “Tantos os fatores genéticos quanto os fatores neurobiológicos podem estar implicados tanto na evolução quanto no desenvolvimento da doença”, explica. Os fatores ambientais também podem contribuir quando, por exemplo, há negligência dos pais e conflitos no ambiente familiar, além dos abusos físicos, verbais e sexuais. Assim, a vulnerabilidade do indivíduo aumenta.

Diferente de outras patologias, “não há evidências de uso de medicamentos na infância aumentando o risco para o transtorno”, acrescenta o psiquiatra Claudinei Biazoli. Entretanto, “outra possibilidade é a desnutrição. Crianças de três a 17 anos, que vivenciaram malnutrição, mostram mais agressividade e atividade motora maior”, explica a neuropsicóloga Renata Alves Paes. Assim, apresentam mais probabilidade de desenvolver algum transtorno de conduta.

Pequenos malvados

Até os sete anos de idade, toda criança pratica um pouco de maldade. Isso faz parte do desenvolvimento pois, até essa fase, os pequenos não formaram a consciência total do que é permitido ou não. Ao longo dos anos, eles adquirem conhecimentos do seu ambiente e começam a se comportar conforme as regras sociais e culturais do local em que vivem. Dessa maneira, “crianças expostas a situações de abuso ou violência têm exemplos claros de ferramentas que elas podem adicionar a seu repertório para realizar seus desejos, reproduzindo facilmente comportamentos inadequados”, elucida Passianotto.

Ainda de acordo com o psicólogo, não há um padrão de comportamento, mas algumas pistas que apontam para a necessidade de procurar um especialista. Além disso, desde a infância, os pequenos já desenvolvem habilidades para acobertar suas práticas.



De olho desde cedo

Segundo a psicóloga Cristiane Martin, os pais devem estar sempre atentos ao comportamento de seus filhos. Antes de dar o laudo, “é de fundamental importância que as avaliações sejam feitas por uma equipe multidisciplinar, com médicos (neurologista e psiquiatra), psicólogos e assistentes sociais. A partir dessas avaliações, teremos condições de fazer um diagnóstico mais preciso e não apenas rotular a criança”, acrescenta Martin.

Mesmo assim, segundo Passianotto, “quanto antes houver intervenção, maiores são as chances de a criança ter os efeitos desse transtorno diminuídos”. Por isso, é preciso que os responsáveis estejam sempre de olhos bem abertos para atitudes estranhas.

CONSULTORIAS Claudinei Biagoli, psiquiatra e professor na Universidade Federal do ABC (UFABC) com experiência na área de neuroimagem; Cristiane Martin, psicóloga especialista em terapia de casais e atuante na área de planejamento familiar; Flávio Torrecillas, psicólogo; Luciano Passianotto, psicólogo; Renata Alves Paes, neuropsicóloga e doutora em neurociência.



“Pode simplesmente haver um transtorno de conduta que pode caminhar ou não para um transtorno antissocial no futuro”.

Luciano Passianotto, psicólogo

Sem dó, nem piedade

Os 10 serial killers mais terríveis da história mundial

TEXTO ÉRICA AGUIAR / COLABORADORA

Segundo dados do Mapa da Violência 2014, mais de 52 mil homicídios – de pessoas entre 15 e 29 anos – foram registrados no Brasil somente no ano de 2011. É fato que nem todos foram cometidos por psicopatas ou assassinos em série; entretanto, casos conhecidos de crimes violentos costumam estampar as páginas policiais de jornais brasileiros e internacionais todos os meses. Alguns deles parecem histórias de filmes de ficção por conta

do seu grau de frieza e meticulosidade, enquanto outros são movidos por uma violência extrema decorrente de uma súbita emoção ou simplesmente daquilo que o homicida considera o correto a ser feito.

Nas páginas a seguir, contamos a história dos dez maiores assassinos em série da vida real, levando em conta registros de números de vítimas. Em cada caso, há uma justificativa diferente para os crimes e atos cometidos sem dó, nem piedade.

Isabel Báthory (A condessa Drácula)

Nacionalidade: húngara

Número de vítimas: por volta de 650

Período de atuação: entre 1600 e 1620

Também chamada de “A condessa sangrenta”, casou-se aos 15 anos com o conde Nádasdy. No entanto, seu esposo passava muitas temporadas longe de casa por ser um militar. Assim, Isabel assumiu os deveres de cuidar do castelo e de toda a família. Muito cruel com os seus funcionários, Isabel costumava punir friamente quem desrespeitasse suas ordens. Ela espetava agulhas nas partes sensíveis do corpo de suas vítimas ou as executava, deixando-as nuas e fazendo-as andar na neve até morrerem congeladas. Quando retornava à casa,

o marido costumava ajudar a condessa com as punições. Mesmo após o falecimento do conde, as mortes continuaram. Isabel passou a beber o sangue de suas vítimas e contava com a ajuda de cinco cúmplices que acobertavam seus crimes. Depois de anos, ela começou a ser investigada e encontraram uma agenda com os nomes de mais de 650 vítimas.

Sentença: seus ajudantes foram decapitados ou jogados na fogueira, enquanto Isabel – por ser nobre – foi condenada à prisão perpétua.



Henry Lee Lucas

Nacionalidade: norte-americano

Número de vítimas: confessou mais de 600 assassinatos

Período de atuação: entre 1960 e 1983

Henry teve uma infância conturbada. Ele era filho de uma prostituta que agredia os filhos e os obrigava a assisti-la ter relações sexuais com os clientes. Em uma briga com um dos irmãos, foi atingido no olho e teve uma infecção, precisando utilizar um olho de vidro. A mãe também o vestia com roupas de menina e o obrigava a ir para a escola dessa maneira, onde era ridicularizado pelas outras crianças. Foi seu irmão mais velho – que também o molestava – que ensinou o garoto a torturar e matar animais.

Aos 18 anos, ficou preso por roubo durante seis anos. Em 1960, após ser libertado, assassinou a

própria mãe e voltou à detenção por mais dez anos. Depois de sair da cadeia, conheceu seu parceiro de crimes, Ottis Toole. Juntos, os dois mataram centenas de mulheres e cometeram atos de necrofilia e até canibalismo.

Lucas confessou muitos outros crimes ao longo dos anos, pois assim suas condições de vida na prisão melhoravam. Em alguns casos, os policiais chegaram a inventar crimes, dos quais o assassino se afirmava culpado.

Sentença: prisão perpétua. Morreu em 2001 devido a um problema cardíaco.

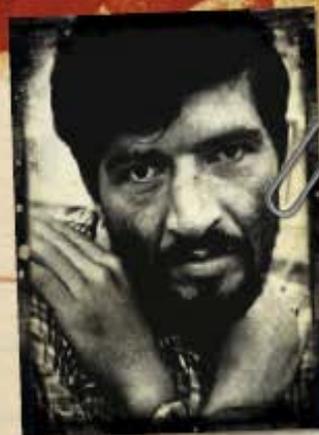


Pedro Alonso López (Monstro dos Andes)

Nacionalidade: colombiano

Número de vítimas: mais de 300

Período de atuação: décadas de 1970 e 1980



López é acusado de matar e estuprar mais de 300 pessoas no Peru, na Colômbia e no Equador. Filho de uma prostituta, foi expulso de casa aos oito anos, por tentar abusar sexualmente de sua irmã mais nova. Durante a infância, foi acolhido por um pedófilo que abusou dele nessa fase da vida.

Aos 18 anos, foi preso por roubo de carros. Na cadeia, foi espancado por uma gangue e vingou-se assassinando quatro integrantes do grupo. Ao ser solto, começou a matar meninas entre nove e 12 anos. López declarou ter preferência pelas equatorianas, por

pensar que eram mais gentis e inocentes. Ele estuprava e assassinava suas vítimas, depois as enterrava.

Então, em 1980, uma enchente revelou alguns cadáveres escondidos. Pedro foi acusado e capturado pela polícia, confessando seus crimes. No entanto, os investigadores não acreditaram na história até López levá-los ao local onde estavam enterrados cerca de 50 corpos.

Sentença: condenado a 20 anos de prisão. Foi libertado, em 1998, e nunca mais visto.

Harold Shipman (Doutor Morte)

Nacionalidade: britânico

Número de vítimas: em torno de 215

Período de atuação: nos anos de 1970 a 1990



Ainda aos 17 anos, Harold acompanhou lentamente a mãe lidar com o câncer. Ele viu seus últimos anos de agonia serem aliviados pelo uso das doses diárias de diamorfina (nome científico da heroína) que os médicos aplicavam. Após a morte da mãe, ingressou na Escola de Medicina de Leeds, no Reino Unido, e tornou-se médico.

O primeiro assassinato ocorreu em 1975, após se formar. Harold aplicava grandes doses de diamorfina em seus pacientes; a maioria era mulheres acima dos 40 anos, semelhante ao perfil de sua mãe.

Seus colegas de consultório, então, começaram a desconfiar do grande número de mortes dos seus pacientes. Após a abertura de uma investigação, Shipman foi considerado um serial killer. Mais de três mil nomes constavam nos arquivos de seu consultório, mas apenas 215 casos do Doutor Morte foram investigados.

Sentença: condenado à prisão perpétua em 1998. Contudo, cometeu suicídio na sua cela em 2004, enforcando-se com os lençóis da cama.

Pedro Rodrigues Filho (Pedrinho matador)

Nacionalidade: brasileiro

Número de vítimas: em torno de 100

Período de atuação: décadas de 1970 e 1980



Da pequena cidade mineira de Santa Rita do Sapucaí, Pedro começou seus crimes ainda aos 14 anos, quando assassinou o prefeito do município. Seu pai trabalhava em uma escola municipal e foi acusado de roubar a merenda. Assim, foi despedido pela própria prefeitura. No entanto, o verdadeiro ladrão era um guarda do colégio, que Pedro também assassinou pouco tempo depois. Dessa forma, começaram os crimes daquele que se considera um justiceiro por matar apenas aqueles que "merecem".

Na infância e adolescência, envolveu-se em brigas de facções, executando traficantes. Foi preso aos 19 anos, mas isso não o impediu de matar criminosos

na cadeia durante sua estadia. Pedro também foi responsável pela morte do pai, após descobrir que ele teria assassinado sua mãe com 21 facadas. Ele jurou vingança e, quando o pai foi preso, Pedro deu-lhe 22 facadas, arrancou o coração, mordeu um pedaço e cuspiu-o no chão. Ao todo, foram comprovados 71 homicídios cometidos por Pedro, mas ele afirma ter matado mais de 100 pessoas.

Sentença: foi condenado a 120 anos de prisão, mas cumpriu aproximadamente 30 anos, quando foi solto em 2007. No entanto, três anos depois, foi preso novamente por participação em rebeliões.

Donald Henry Gaskins (Pee Wee)

Nacionalidade: norte-americano

Número de vítimas: por volta de 100

Período de atuação: de 1953 a 1982



Durante a infância, sua mãe foi muito negligente. Quando tinha um ano de vida, Donald bebeu uma garrafa de querosene e sofreu com convulsões até os três anos. Depois do trauma, vieram as agressões físicas dos padrastos. Seus primeiros crimes, durante a adolescência, foram roubos. Gaskins foi identificado por uma testemunha e enviado para uma escola reformatória. Após algumas fugas e retornos constantes à instituição, foi solto aos 18 anos.

No entanto, voltaria à cadeia poucos anos depois, acusado de tentar assassinar uma adolescente que teria o insultado. Ficou preso por mais seis anos, até conseguir

fugir da prisão. Assim, viu-se livre para cometer seus crimes, motivado por ter sido insultado, roubado ou por lhe deverem dinheiro. Donald costumava torturar suas vítimas ao máximo e utilizava métodos como facadas, mutilação e asfixia. Ele também chegou a praticar canibalismo com os corpos de algumas pessoas.

Sentença: foi denunciado por uma testemunha que ouviu, durante uma conversa, o local onde ele enterrava os corpos. Após confessar ter assassinado mais de 100 pessoas e seu colega de cela, foi condenado a morte na cadeira elétrica.

Theodore Robert Cowell (Ted Bundy)

Nacionalidade: norte-americano

Número de vítimas: entre 30 e 35 mulheres

Período de atuação: década de 1970

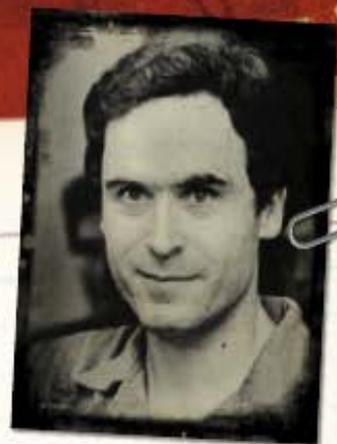
Na infância, uma tia do criminoso disse ter acordado no meio da noite e encontrado o garoto brincando com facas, ao lado de sua cama. Já na faculdade de direito, era conhecido por ser um excelente aluno e visto, por seus amigos, como sincero, bonito e bom comunicador.

Em seus crimes, Bundy costumava se aproximar de mulheres jovens com cabelo liso e escuro, parecidas com sua primeira namorada. Por meio de sua simpatia, Theodore as abordava em locais públicos e convidava para passear em seu Fusca. Em seguida, as atingia com uma pancada na cabeça e sequestrava para praticar o estupro. Ted também gostava de ter relações sexuais

após a morte das jovens, ainda que os corpos estivessem em estado de putrefação. O assassino decapitou, pelo menos, 12 mulheres e manteve suas cabeças em seu apartamento, como troféus.

Seus crimes foram descobertos quando, ao ser abordado por um policial, fugiu em seu carro, sendo capturado como suspeito de um roubo. Algum tempo depois, confirmou-se que era o assassino das jovens. Ted também fugiu da prisão duas vezes, mas foi capturado.

Sentença: foi julgado e executado na cadeira elétrica em 1989.



Jeffrey Lionel Dahmer (O canibal de Milwaukee)

Nacionalidade: norte-americano

Número de vítimas: 15

Período de atuação: entre as décadas de 1970 e 1990

Na adolescência, Dahmer tinha o hobby de dissecar animais e até mantinha um cemitério particular nos fundos de sua casa. Seus amigos o descreviam como estranho e logo descobriram que o adolescente era alcoólatra.

Foi abandonado pela mãe – sem dinheiro e sem comida – após terminar o ensino médio. Mesmo assim, começou a faculdade e desistiu três meses depois. Nessa época, cometeu seu primeiro assassinato. O pai, sem saber do crime, o fez entrar no Exército. Nos dois anos de serviço prestado, Dahmer aprendeu muito sobre a anatomia humana e acabou sendo dispensado por conta do alcoolismo. Em 1982, foi morar com a avó por seis anos. Na cidade, foi detido algumas vezes por se

masturbar em público e cumpriu dez meses na prisão. Sua avó então o expulsou de casa por conta de suas noitadas e pelos maus cheiros que vinham do porão.

Assim, Jeffrey mudou-se para a cidade de Milwaukee, nos Estados Unidos, onde cometeu crimes como necrofilia, canibalismo e abuso sexual. Foi descoberto, em 1991, após uma de suas vítimas escapar. Ao vasculhar a casa, policiais encontraram fotos dos assassinados, partes do corpo no freezer e cadáveres em vasilhas com ácido. Ainda foi descoberto um altar com velas e crânios dentro do seu armário.

Sentença: 957 anos de prisão. No entanto, foi espancado até a morte por outro preso.



Dennis Andrew Nilsen (O assassino gentil)

Nacionalidade: escocês

Número de vítimas: aproximadamente 15

Período de atuação: de 1978 até 1983



Nilsen não lidava bem com a sua orientação sexual, nem a sua família. Sua mãe, por exemplo, o pressionava para casar-se com uma mulher e ter filhos, mas isso não era o que ele queria. Então, a família se afastou e, solitário, Dennis passou a abusar de bebidas alcoólicas e a paquerar homens mais jovens nos bares.

Após alguns relacionamentos darem errado, Nilsen começou a se aproximar, na maior parte dos casos, de jovens homossexuais ou desabrigados. Ele os convidava com o intuito de oferecer abrigo, comida e alguns drinques. Depois, estrangulava suas vítimas ou as afogava em banheiras. Em seguida, deixava os corpos em sua cama

por semanas, masturbando em cima deles e, a algumas vezes, conversando com os cadáveres. Para escondê-los, costumava dissecar e mantê-los embaixo do assoalho, queimava junto a pneus no quintal ou desmembrava os corpos para jogá-los fora pelo encanamento. Os crimes foram descobertos após os canos do esgoto entupirem e um funcionário encontrar alguns pedaços de carne e pequenos ossos de origem desconhecida.

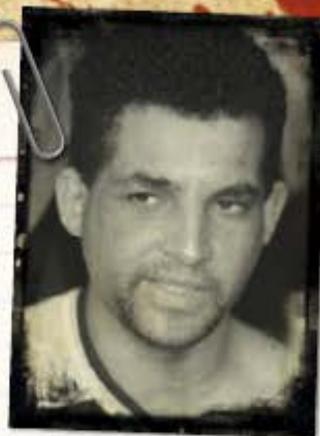
Sentença: em 1983, recebeu a sentença de cumprir, pelo menos, 25 anos preso. Embora o tempo mínimo tenha passado, Nilsen continua preso.

Francisco de Assis Pereira (Maníaco do Parque)

Nacionalidade: brasileiro

Número de vítimas: cerca de 10 mulheres

Período de atuação: final da década de 1990



Segundo os depoimentos do próprio Francisco, durante a infância, ele havia sido molestado por uma tia e criou grande fixação por seios. Além disso, em um de seus relacionamentos amorosos, uma namorada gótica quase arrancou-lhe o pênis com a boca. Assim, Francisco tinha fortes dores durante as relações sexuais com suas vítimas.

O Maníaco do Parque ficou conhecido por estuprar e matar diversas vítimas no Parque do Estado, ao sul da cidade de São Paulo. O motoboy, que trabalhava na região do Brás, na capital paulista, abordava as mulheres na rua, estacionando sua moto e apresentando-se como agenciador de modelos. Assim, convencia suas vítimas a fazer uma sessão de fotos na natureza. Então, eram levadas até o Parque do Estado. No local, ele estuprava e estrangulava as moças.

Em meados de julho de 1998, seis corpos nus foram encontrados com marcas de mordidas nas coxas, ombros e seios. A polícia então começou as investigações e encontrou três mulheres que haviam registrado tentativas de estupro na região. Assim, após a divulgação de um retrato falado do Maníaco do Parque, Francisco foi encontrado.

Sentença: foi acusado de estupro, roubo, homicídio e ocultação de cadáver. Passou por alguns julgamentos e foi sentenciado a cumprir cerca de 270 anos de prisão.

A stylized illustration of a middle-aged man with a receding hairline, smiling broadly. He is wearing a dark suit jacket, a white shirt, and a red tie. He is sitting at a desk, with his hands clasped together in front of him. The background shows a window with a view of a city skyline under a blue sky with clouds.

O colega

Por trás de
um cargo de
liderança...

Depois da cadeia,
o ambiente corporativo
é o lugar que mais
concentra psicopatas

TEXTO E ENTREVISTAS NATÁLIA NEGRETTI

Ele não mede esforços para ser reconhecido, procura estabelecer os contatos certos e não pensa duas vezes quando precisa agir com frieza. Conhece algum colega de trabalho com estas características? Cuidado, ele pode ser um psicopata.

Ninho de cobras

Conviver com pessoas com transtorno de personalidade antissocial no local de trabalho é muito mais comum do que se imagina. Chamados de psicopatas corporativos, o ambiente competitivo das empresas é perfeito para eles, já que enfatiza suas características. A crescente procura por parte das organizações por profissionais agressivos, frios, calculistas e competitivos é um prato cheio para quem sofre do transtorno. “São características que a pessoa já tem, e o próprio ambiente no qual ela irá trabalhar faz esses traços de personalidade serem ainda mais evidenciados”, afirma o especialista em ética e comportamento no trabalho José Roberto Heloani.

A frieza moral faz do psicopata o profissional ideal para liderar aquela reestruturação que implicará na demissão de dezenas de funcionários, por exemplo. “São pessoas que possuem baixo sentimento de culpa, que têm uma tendência ao egocentrismo, portanto, agem de acordo com seus interesses”, explica Heloani. Além disso, a habilidade de atuar faz com que ele consiga viver socialmente, porém, tudo não passa de teatro para alcançar seus objetivos. “São capazes de serem gentis, mostrarem que se sacrificam pela empresa, mas possuem alto grau de dissimulação. Se contrariados, literalmente, passam por cima”, complementa o especialista.

ao lado

Manipulação sem limites

Outra característica marcante que ganha terreno ao bater o ponto é a de manipular outros indivíduos, fazendo-os agir conforme os seus próprios interesses. Um estudo realizado por Paul Babiak, Craig Neumann e Robert Hare, especialistas na área, apontou que os níveis de psicopatia no meio corporativo estavam correlacionados às habilidades verbais. “Se alguém demonstra notórias habilidades sociais que permitem manipular de forma eficaz outros indivíduos, então, no mundo corporativo, esse alguém irá levar vantagem e pode ainda usar essa capacidade para interesses egoístas e, em muitos casos, escusos”, explica Silvio José Lemos Vasconcellos, professor de psicologia. “Psicopatas vêem os outros como instrumentos da sua vontade, instrumentos que se usa e depois se descarta. É muito comum a pessoa estar em determinado grupo e de uma forma repentina, simplesmente muda de lado. Esquece os laços, esquece os compromissos e vai para o grupo que detém mais poder”, destaca Heloani.

Você pode estar pensando que, em um ambiente profissional, faz parte lutar pelo seu próprio sucesso, tendo que concorrer com os colegas. No entanto, psicopatas não são apenas profissionais ambiciosos. Para eles, as relações de trabalho vão além de vivência profissional; é uma questão de prazer e conquista pessoal. Esse sentimento faz com que ele se torne um verdadeiro mau-caráter, chegando a cometer até crimes contra os colegas de trabalho e à própria empresa, como fraudes na contabilidade.

Competitividade a todo vapor

Chegar ao topo da hierarquia de uma organização pode ser o sonho de muitos profissionais. Para o psicopata, o caminho costuma ser mais curto, já que ele convive facilmente com a competição. “Essa pessoa, entrando em um ambiente que já tem uma cultura altamente hostil, de uma competição interna brutal, não encara o outro como colega, mas como inimigo. Isso faz com que desenvolva, ainda mais, esse perfil hostil, agressivo”, afirma Heloani.

A stylized illustration of a middle-aged man with a large nose, smiling broadly. He is wearing a dark suit jacket, a white shirt, and a red tie. He is sitting at a desk with a silver pen in front of him. The background is a light blue and grey abstract pattern.

... pode estar um psicopata, que manipula funcionários conforme seus próprios interesses, sem remorso.

“As empresas devem ter em seus processos seletivos ferramentas que possam identificar pessoas com traços de psicopatia. Dessa forma, diminuem as chances de realizar uma contratação errada”

Milene Rosenthal, psicóloga

para conseguir o que querem”, salienta a psicóloga Milene Rosenthal.

Para completar o cenário, cargos de liderança valorizam traços do transtorno, como agressividade, autoconfiança e frieza. Não à toa, quanto mais alto o cargo, maiores as chances de serem ocupados por psicopatas. É o que revelou um estudo na Universidade British Columbia, no Canadá. Se, entre a população em geral, até 4% são considerados psicopatas, de acordo com os pesquisadores, entre os CEOs, diretores executivos das empresas, o índice chega a 16%. “Não podemos esquecer que esse transtorno apresenta uma baixa prevalência na população em geral se comparado a outros quadros. Isso significa que há bem mais probabilidade de encontrarmos um psicopata atuando como executivo de uma grande empresa do que ocupando cargos que não envolvam liderança em outras esferas sociais”, destaca Vasconcellos.

Outras pesquisas com o mesmo viés também apontam essa concentração nos pontos mais altos das instituições. “As posições executivas e de grande responsabilidade são muito atrativas para o psicopata, pois favorecem que eles tenham um maior poder sobre as outras pessoas e, dessa forma, conseguem atingir seus objetivos”, completa Rosenthal. Mas é claro que, por mais alarmante que sejam esses índices, não significa que todo chefe seja psicopata.

Espalhando o veneno

Aquela imagem de psicopatas sanguinários não é aplicável na maioria dos casos, inclusive no trabalho. Para alcançar uma promoção, ele não vai sair

Como não se importam com os colegas de profissão e não sentem remorso, acabam ganhando vantagem em um ambiente de competição. “Uma das características mais frequentes do psicopata é a frieza e ausência de culpa aliado a busca de vantagens para o benefício próprio, pois são pessoas muito egoístas. Em um ambiente competitivo, pessoas com essa característica conseguem se destacar e crescer na organização de forma desleal, pois são capazes de mentir, enganar, manipular informações e, até mesmo, fraudar a empresa

cortando cabeças, pois nem sempre age por meio de comportamentos criminosos. Porém, é especialista em prejudicar o próximo que cruza seu caminho. “Se, por exemplo, dentro de uma empresa, na tentativa de galgar postos mais altos, alguém espalha boatos o tempo todo, mente sobre promoções que não irão ocorrer e deprecia seus colegas diante dos superiores, esse alguém está se comportando de forma antissocial, mas não necessariamente criminosa”, explica o professor de psicologia. Além disso, é importante destacar que nem todo funcionário que adora uma fofoca no cafezinho é um psicopata, certo?

Como identificar

Você já sabe que o psicopata é manipulador, mentiroso, frio, dissimulado e muitas outras coisas ruins. Porém, fique atento para identificar essas características no dia a dia do trabalho. Pode ser que seu colega não seja um psicopata, mas, se ele age conforme alguns dos tópicos a seguir, é sinal que tem algum problema de caráter.

- **Charmoso:** seduz sobretudo os chefes, já que estes podem oferecer vantagens. Porém, até o office boy pode ser sua vítima, para entregar as correspondências primeiro para ele.

- **Comportamento parasita:** repassa trabalho e não se pode contar com ele, pois não assume responsabilidades e, ainda por cima, procura tomar o crédito do trabalho dos outros. Podemos chamar de folgado também, não é?

- **Intolerante:** não consegue respeitar as diferenças, além de praticar bullying, fazer fofoca e criar conflitos com qualquer pessoa que estrague seus planos.

- **Não sente remorso:** para o psicopata, demitir alguém é algo natural, por exemplo.

- **Egocêntrico e narcisista:** ele, ele e ele, sempre em primeiro lugar. Pensa nos outros somente quando precisa de ajuda para conseguir o que quer.

- **Mentiroso patológico:** “A pessoa é capaz de afirmar uma série de coisas que sabe que é mentira, e tem consciência que você sabe que ela está mentindo. E faz sem nenhum pudor”, explica Heloani.

- **Interessado demais:** Não há nada de preocupante em querer saber mais sobre seus colegas de trabalho, inclusive informações pessoais. Contudo, quando o interesse é excessivo e inoportuno, fique atento. “Pode ser uma estratégia para descobrir os pontos fracos e vulneráveis de um colega, como forma de facilitar a manipulação no ambiente de trabalho. Nesse sentido, uma pergunta que surge é: somente psicopatas fazem isso? Certamente que não, mas o fato é que psicopatas fazem isso com

muita eficiência e de uma forma que as vítimas raramente percebem”, destaca Vasconcellos.

A psicóloga Milene Rosenthal resume bem o psicopata corporativo: “geralmente é aquela pessoa que sempre está envolvida em intrigas e conflitos, não assume responsabilidades, assedia moralmente uma pessoa em público, não segue as regras da organização, invade a privacidade dos colegas de trabalho e principalmente, trata as pessoas de forma desigual, prejudicando subordinados e bajulando chefes e superiores. São pessoas que, dentro da organização, sempre valorizam o poder e sentem prazer em colocar medo nas pessoas”. É importante destacar que somente um profissional capacitado, como psiquiatras e psicólogos, são capazes de fazer um diagnóstico, porém, não custa nada ficar longe de gente mau-caráter!

Mantendo distância

Enquanto ainda não há cura para o transtorno, o melhor é o velho remédio: prevenção. Se for possível, evite se envolver com essa pessoa ao máximo. Mas, se for o colega da mesa ao lado ou uma situação em que vocês precisam trabalhar em conjunto, limite-se a diálogos profissionais. Evite

dar informações que podem ser usadas contra você, já que a matéria-prima do psicopata são as informações que você passa a ele. Por exemplo, confidenciar que você já contou uma mentira no trabalho pode tornar-se em uma fofoca enorme sobre como você altera relatórios. “As pessoas precisam parar de ser ingênuas e achar que o ambiente corporativo é uma família. Você pode vir a construir amizades sólidas, mas, primeiro é necessário conhecer bem as pessoas”, destaca José Roberto Heloani, especialista em ética e comportamento no trabalho.

Porém, dar lições de moral ou parar de falar de repente com essa pessoa não é o melhor caminho. “É comum indivíduos com esse transtorno apresentarem descontroles comportamentais quando percebem que a pessoa que estão tentando manipular não está correspondendo”, destaca Vasconcellos. Também não é nem um pouco indicado sair espalhando aos outros colegas que há um psicopata entre eles. Nesse caso, você é que estará se passando de descontrolado. A melhor forma de agir quando se percebe que alguém está tentando manipular os outros ao redor é continuar agindo normalmente, porém, com a atenção redobrada para não se tornar mais uma vítima.

Ao identificar alguém com traços de psicopatia, o melhor é limitar-se a diálogos profissionais.



SERIA O WORKAHOLIC UM PSICOPATA?

Comum no ambiente corporativo, o termo *workaholic* se refere ao trabalhador compulsivo, que se dedica ao extremo à sua função. Porém, ao contrário do psicopata, o *workaholic* não age por egoísmo ou passando por cima de outras pessoas, além de várias características distintas.

“Ele não consegue se desligar do trabalho e acaba sacrificando o *lazer* e as relações pessoais que o levam para o isolamento”, afirma a psicóloga Milene Rosenthal. De acordo com o especialista em ética e comportamento no trabalho José Roberto Heloani, o *workaholic* pode trabalhar em excesso por vários motivos, como estar apaixonado pelo trabalho ou usar o ofício como uma fuga de problemas pessoais.

“Ele pode ter, em nível externo, uma conduta semelhante ao psicopata, mas as motivações são completamente adversas. Muitas vezes, a quem mais o *workaholic* prejudica é a si próprio. Ele detona com a família, com a saúde, por essa compulsão. No caso do transtorno de personalidade antissocial, o sujeito é perigoso para os outros porque pode até trabalhar muito, mas em seu benefício, por egoísmo.

Afinal de contas, aquele trabalho vai lhe dar uma série de recompensas, seja por dinheiro ou o que for”, complementa.



Se perceber alguém tentando manipular os outros, aja normalmente, mas mantenha sua atenção redobrada.

COMO AGIR SE...

For seu chefe

Lidar com chefias já não é algo naturalmente fácil, por tratar-se de um relacionamento envolvendo poderes. Quando há a desconfiança de sua liderança ser um psicopata, o ideal é ter ainda mais cautela. Em primeiro lugar, não o ameace ou bata de frente, mas pelo contrário. Seja político e procure seguir suas ordens, sem dar motivos para reclamações por parte dele. Em segundo lugar, procure registrar por escrito todas as tarefas que ele solicitar; assim, se houver algum problema, ele não terá como por a culpa em você. Porém, se ele ultrapassar o limite da ética ou estiver o prejudicando, talvez seja a hora de procurar os superiores do seu chefe. No entanto, somente faça isso se tiver provas concretas de que ele está agindo de má-fé; caso contrário, você é quem pode se queimar. Pedir transferência para outro setor também é uma opção. Se nada der certo, nunca é tarde para procurar um novo trabalho em busca de satisfação profissional.

For seu colega

Psicopatas tendem a querer se dar bem sempre e, por isso, muitas vezes, acabam repassando seu trabalho para os mais próximos: se der certo, ele fica com os créditos, se não, coloca a culpa em você, claro. Por isso, a regra número um é manter a distância do colega que você acredita haver algo fora do normal. Isso engloba tirar o seu da reta quando ele vier pedir algum favor ou repassar trabalho na cara dura. Siga suas tarefas e, caso o trabalho de vocês seja em conjunto, arquive e-mails, atas, telefonemas e o que mais conseguir para deixar bem claro o que cada um

deve fazer. Em hipótese alguma tente testá-lo ou desafiá-lo: psicopatas são espertos e podem virar o jogo contra você. Alertar outros colegas ou até mesmo a chefia só funciona quando há provas concretas e, mesmo assim, pense bem se vale a pena. Você pode acabar se passando por “coitado” com mania de perseguição ou o vilão que quer manchar a reputação do colega. Se a situação estiver insuportável, peça para mudar de cargo ou cogite mudar de empresa.

For seu funcionário

Estar do lado “mais forte” também não é tarefa fácil. Nenhum superior pode sair despedindo subordinados sem motivo justo, já que provar que alguém é mau-caráter não é algo muito fácil. Aqui vale a mesma dica que nos outros casos: registre tudo. Além disso, se for possível, troque-o de cargo para prejudicar o menor número possível de pessoas. Porém, tudo com muita cautela, já que você pode se passar pelo chefe malvado. “Ao identificar um funcionário com traços de psicopatia, o mais indicado é o desligamento desta pessoa para evitar que ocorram problemas mais sérios; entretanto, cada empresa deverá agir de acordo com suas normas internas”, indica Milene.

CONSULTORIAS José Roberto Heloani, especialista em ética e comportamento no trabalho e professor na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Milene Rosenthal, psicóloga na PsicoLink; Sílvia José Lemos Vasconcellos, professor de psicologia na Universidade Federal de Santa Maria e autor do livro *O bem, o mal e as ciências da mente: Do que são constituídos os psicopatas* (Editora Icone, 2014).

Qual a diferença?

Entenda como se comportam os portadores de outros transtornos de personalidade

TEXTO E ENTREVISTAS
ÉRICA AGUIAR, COLABORADORA

As características dos transtornos de personalidade, em geral, aparecem logo na adolescência ou no começo da vida adulta. De acordo com a 5ª edição do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM-5), este tipo de transtorno é caracterizado por uma conduta padrão, em que o indivíduo evidentemente se desvia das expectativas culturais de comportamento da sociedade em que vive. Normalmente, a pessoa acometida é inflexível e, na vida adulta, suas atitudes costumam causar prejuízo e

Em 2002, cerca de 15% dos adultos norte-americanos (quase 43 milhões de pessoas) apresentavam ao menos um transtorno de personalidade*

*Dados do estudo realizado pela NESARC (em tradução livre, Pesquisa Epidemiológica Nacional sobre Álcool e Condições Relacionadas, nos Estados Unidos), entre 2001 e 2002.

Mais comum do que você pensa

Segundo um estudo realizado pela NESARC (em tradução livre, Pesquisa Epidemiológica Nacional sobre Álcool e Condições Relacionadas), nos Estados Unidos, entre 2001 e 2002, aproximadamente 15% dos adultos norte-americanos (quase 43 milhões de pessoas) apresentavam ao menos um transtorno de personalidade. Uma grande quantidade de pessoas, não? O fato é que, muitas vezes, os portadores desses distúrbios passam despercebidos aos nossos olhos e assim, desconsideramos a existência dos transtornos de personalidade. Por isso, torna-se importante estudar cada um dos dez tipos conhecidos e seus respectivos comportamentos, com o intuito de melhorar as técnicas terapêuticas existentes.

Relações de conflitos

Mas como se comportam os indivíduos com esses distúrbios? Segundo o psicanalista Roberto Rosas, “de um jeito simples, podemos pensar que as pessoas que apresentam transtornos de personalidade são bem pouco funcionais. Na maioria dos casos, observamos certa estagnação no desenvolvimento emocional da pessoa”. Entretanto, nem sempre o transtorno afeta a formação educacional. Por outro lado, as relações sociais podem ser prejudicadas. “Em boa parte dos casos, é marcada por conflitos que, em vez de atenuados, tendem a ser intensificados”, complementa Rosas.

O psicanalista acrescenta que são muitos os transtornos de personalidade e que, atualmente, fala-se muito sobre o borderline. “Se pensarmos por uma perspectiva da psicodinâmica, quem tem transtorno de personalidade costuma ser mais egocêntrico e onipotente. Em outras palavras,

é regido por motivações infantis”, acrescenta. Tal característica, de um modo geral, é muito comum entre esses indivíduos.

O diagnóstico é feito por um psiquiatra e o processo costuma ser difícil, cuidadoso e detalhado e, frequentemente, realizado em conjunto com uma equipe composta por outros especialistas como neurologistas e psicólogos.

Divisões

Os distúrbios podem ser classificados em dez categorias. De acordo com o psiquiatra João Jorge, os indivíduos com transtornos de personalidade paranoide, esquisoide e esquisotípica são excêntricos. Já os de personalidade antissocial (veja mais na página 4), borderline, histriônica e narcisista “são pessoas dramáticas, emotivas e erráticas”, explica o especialista. Há ainda os que apresentam o transtorno de personalidade esquiva, dependente e obsessivo-compulsivo, com características ansiosas ou temerosas. Confira, a seguir, as principais características desses transtornos.

Portadores de distúrbios de personalidade passam despercebidos aos nossos olhos, por não contarem com características físicas que facilitem sua identificação.

• **Borderline**

Os indivíduos com este distúrbio (em maior quantidade, mulheres) costumam apresentar dificuldades em seus relacionamentos íntimos. Por conta da sua autoestima praticamente “zerada”, elas buscam segurança afetiva nos parceiros. Assim, os companheiros tendem a ser sufocados e machucados pelo excesso de sentimento que as pessoas com este transtorno depositam sobre eles.

Os “borders”, como são conhecidos, têm uma visão distorcida de si mesmos, principalmente em relação à aparência física, e possuem muito medo da rejeição. Costumam apresentar humor instável e, por isso, podem se irritar com pequenos acontecimentos, mudando de humor várias vezes ao longo do dia. É possível que tenham acessos de raiva e, depois, se arrependam ou provoquem a “autodestruição”, por exemplo, consumindo álcool ou drogas exageradamente. O distúrbio é logo identificado na adolescência, quando os indivíduos costumam ter a primeira paixão intensa ou a primeira rejeição amorosa.

• **Obsessivo-compulsivo**

Regido por uma ideia de que “pode tudo”, a pessoa que apresenta esse transtorno costuma cumprir rituais que criou com o intuito de se proteger contra acontecimentos ruins. “Trata-se de um jeito primitivo de lidar com a angústia. Por exemplo, se eu encostar em todos os postes de rua no caminho de casa ao trabalho, nada de mau me acontecerá. Eu não serei demitido ou não adoeçerei”, explica Rosas.

Os acometidos por esse transtorno de personalidade são extremamente perfeccionistas e necessitam ter controle sobre as pessoas que o rodeiam. Tal distúrbio se difere do transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) porque o indivíduo não percebe que seu comportamento é problemático e tende a achar que todos ao seu redor estão agindo errado.

Os portadores deste distúrbio são extremamente pontuais, organizados, evitam bagunça e costumam fazer suas atividades profissionais e escolares sozinhos por acharem que outras pessoas irão fazê-las errado. Além disso, também tendem a ser politicamente corretos.

• **Esquizoide**

Em geral, pessoas com a personalidade esquizoide não apresentam interesse pelas relações sociais, principalmente as mais próximas, mesmo que seja com familiares. Normalmente, preferem fazer atividades sozinhas e sentem prazer com pouquíssimas delas. Também demonstram indiferença aos elogios ou críticas de outras pessoas, são frios e distantes. Elas preferem realizar tarefas mecânicas ou abstratas como jogos matemáticos ou usar o computador. Segundo o DSM-5, o transtorno de personalidade esquizoide é diagnosticado com mais frequência em homens e pode causar mais prejuízos a eles.

• **Histriônica**

Emoções que transbordam e uma busca excessiva pela atenção de outras pessoas, o histriônico se sente desconfortável em situações em que não é o centro das atenções. Quando se relaciona com outras pessoas, tende a ser provocativo e sedutor. Para isso, utiliza a aparência física para chamar a atenção de quem está por perto.

O modo de falar impressiona, mas é carente de detalhes. O indivíduo também é influenciado facilmente por outras pessoas e costuma teatralizar suas ações, exagerando nas emoções.

QUESTÃO

CULTURAL

Antes de fechar o diagnóstico, é preciso que os especialistas avaliem se aquele comportamento ou traço da personalidade não está relacionado à origem étnica, cultural e social do indivíduo. Os transtornos de personalidade não devem ser confundidos com problemas, como não se adaptar a uma cultura após a imigração, com a expressão de hábitos religiosos ou valores políticos. Assim, o ideal é ter contato com pessoas próximas ao paciente para conhecer suas origens culturais.

• Dependente

Imagine ter dificuldades em tomar decisões sobre a sua própria vida sem ter muitos conselhos e a confiança de outras pessoas. Parece estranho, porém é uma atitude bem comum de quem sofre com o transtorno de personalidade dependente. Tais indivíduos precisam que outros se responsabilizem pela sua vida e têm dificuldade em expressar opiniões contrárias por medo de perder o apoio de amigos ou familiares próximos.

Eles podem chegar a situações extremas para obter o carinho ou apoio de outras pessoas, mesmo que aquelas atitudes não lhes agradem. Também são muito preocupados em serem deixados sozinhos para cuidarem da própria vida.

• Paranoide

Segundo Rosas, nas ações paranoides, de maneira geral, “existe uma projeção do conteúdo recalcado da pessoa no outro; ou seja, se sou bom, o outro é mau e trama contra mim. Se eu recalquei uma característica minha, poderei vê-la no outro, quando meu ideal de mim não me permite ter sentimentos hostis. O paranoide vê-se engendrado numa trama de agressões que, pela sua subjetividade, vêm de fora, e não de dentro dele mesmo”. O recalque, então, seria uma maneira de se defender de exigências contrárias à uma atitude que está praticando.

Tal transtorno de personalidade aparece no início da vida adulta e tem como características a desconfiança de outras pessoas, tendência a pensar que outros pretendem explorá-lo, prejudicá-lo ou enganá-lo, mesmo que não haja evidência concreta disso ou que alguém esteja apenas o elogiando. Por pensar que estão conspirando contra ele, o indivíduo com o transtorno pode atacar amigos ou colegas de trabalho a qualquer momento.

• Narcisista

Os acometidos pelo transtorno de personalidade narcisista tendem a seguir um padrão de grandiosidade (exagerando em suas realizações e talentos), com a necessidade de serem reconhecidos pelos outros. Costumam se preocupar com o sucesso, beleza ou amor ideal.

Aproveitam-se dos outros para alcançar seus objetivos e não reconhece os sentimentos ou as necessidades de outras pessoas. Os narcisistas também acreditam que são o motivo da inveja dos outros e podem ter atitudes arrogantes.

• Esquiva

Os indivíduos com esse transtorno têm certa inibição social e sentem que não estão adequados às situações que vivenciam. Também são muito sensíveis às avaliações e comentários negativos que recebem. Por isso, tendem a evitar profissões em que haja o contato social por medo de rejeição ou reprovação.

De fato, esquivam-se de relações sociais (mesmo amorosas) com receio de serem ridicularizados por enxergarem eles mesmos como desagradáveis ou inferiores aos outros. Só fazem novas amizades se tiverem a certeza de que serão aceitos sem críticas.

• Esquisotípica

As pessoas com este transtorno apresentam desconforto em relacionamentos íntimos, comportamento excêntrico e distorções na cognição e na percepção. Tais indivíduos interpretam incorretamente acontecimentos do cotidiano, obtendo deles um significado próprio e específico. Além disso, possuem crenças que influenciam no seu comportamento, como superstições, telepatia ou “sexto sentido”, que não condizem com as normas existentes em diferentes culturas.

A maneira de falar e o pensamento desses indivíduos costumam ser vagos, com metáforas, ou extremamente elaborados. O comportamento e a aparência podem ser classificados como estranhos, excêntricos ou peculiares. Ainda possuem ansiedade social excessiva que não diminui com a familiaridade e tende a estar associada ao medo, ao invés de pensamentos negativos sobre elas mesmas.



É DIFERENTE?

A psicopatia também é um transtorno de personalidade, contudo, possui diferenças visíveis dos outros distúrbios descritos anteriormente. De acordo com o psicanalista Roberto Rosas, o transtorno antissocial “caracteriza-se, basicamente, por atuações destrutivas no âmbito social. São pessoas que não têm empatia, não se importam com a dor ou o prejuízo do outro”. Ainda para o especialista, esses indivíduos não conseguem ver fundamento nas leis, nem sentido na regulação dos próprios impulsos. Em comparação com o borderline, por exemplo, enquanto esta é praticamente pura emoção e falta de razão, o antissocial é o contrário, sendo bem racional em tudo o que faz. O antissocial tende mais a usar as pessoas para alcançar seus objetivos do que preocupar-se com o que irão pensar sobre ele. Além disso, não sente culpa pelas suas ações.

CONSULTORIA João Jorge, psiquiatra, psicoterapeuta e presidente da Associação Brasileira de Hipnose (ASBH); Roberto Rosas, psicanalista e diretor da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA).

FONTE 5ª edição do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM-5).

Imagem: Shutterstock/Imagens

Psicopatas não conseguem ver fundamento em leis e regras em geral, nem sentido em regular seus impulsos.

Perante a lei

Como é aplicada a sentença de criminosos brasileiros com transtornos de personalidade

TEXTO
ÉRICA AGUIAR/
COLABORADORA

ENTREVISTAS
ÉRICA AGUIAR/
COLABORADORA
E NATÁLIA NEGRETTI

Criminosos com transtornos mentais graves podem cumprir pena em hospitais de tratamento psiquiátrico especiais.

Uma sociedade precisa de regras para que a convivência entre as pessoas seja pacífica. Para muitos, a escola e a família carregam consigo o papel de difundir e ensinar os direitos e deveres para que os indivíduos reconheçam quais comportamentos são aceitáveis ou não no convívio social. Contudo, segundo a psicóloga Raquel Staerke, é necessário que todos sejam capazes de representar mentalmente, e psicologicamente, as “leis” que irão permitir sua inserção sociocultural. “No caso das chamadas personalidades antissociais ou psicopáticas, o indivíduo possui toda a capacidade cognitiva de absorver informações, mas não desenvolve a capacidade de empatia, que é uma qualidade psicológica humana de reconhecer o sofrimento alheio, de seu semelhante. Assim sendo, esse indivíduo é capaz de lesar pessoas ou até mesmo uma sociedade sem ter qualquer sentimento moral ou reflexivo daquilo que esteja provocando”, explica a psicóloga.

Na forma de crimes

Violar e desrespeitar os direitos de outros indivíduos também é uma das características do transtorno de personalidade antissocial. Nem todo psicopata é um criminoso, mas tais atitudes, que costumam aparecer na adolescência e se mantêm na idade adulta, podem levá-los a cometer crimes, desde fraudes e estelionatos até sequestros e homicídios. De acordo com a pesquisa feita, em 1995, pelo psicólogo canadense Robert Hare, cerca de 20% da população carcerária mundial corresponde a psicopatas.

Entretanto, ter o transtorno de personalidade não os livra da culpa. Para o Código Penal brasileiro, não importa qual o tipo de patologia, mas sim se o distúrbio foi capaz de tirar do acusado sua capacidade de compreender a realidade – saber o que estava fazendo – e de determinar seu próprio comportamento. “Além disso, é necessário que, **no momento da prática da infração penal**, o indivíduo aja em decorrência de sua condição. Em outras palavras, na hora em que está cometendo o crime, ele não deve compreender seu caráter ilícito”, explica a advogada Gabriela Nunes.

Responsabilidade

Levando em conta essa definição, o Código Penal classifica os indivíduos em três categorias: imputáveis, semi-imputáveis e inimputáveis. A primeira reúne aqueles que têm consciência do caráter ilícito do ato que estão cometendo e são capazes de se determinar de acordo com esse entendimento. Os semi-imputáveis são os que, por apresentarem doença mental, não compreendem **totalmente** o caráter ilegal do ato que cometeram e também não se reconhecem no momento da ação. Já os inimputáveis são aqueles que não têm consciência, **em absoluto**, do caráter errôneo do ato e não têm condições de se determinar. “Como exemplo, podemos citar aqueles que ainda não completaram 18 anos de idade, tidos como inimputáveis, justamente por não serem capazes de compreender o caráter ilícito, em absoluto, do ato que praticaram”, exemplifica Nunes.

De acordo com a advogada, “a distinção acima é importante, tendo em vista que determinará o tratamento que será conferido ao sujeito”. Ainda segundo Gabriela, um exame médico será feito pela equipe do juízo (composta por psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais) e determinará qual a doença e o grau (imputável, semi-imputável ou inimputável). Mesmo assim,

o simples diagnóstico como psicopata não tornará o indivíduo inimputável. “Há de se verificar as circunstâncias do caso concreto por equipe especializada para tanto, mediante incidente de insanidade”, complementa.

Julgamento

O processo ocorre da mesma forma. No entanto, caso haja a suspeita do transtorno, o acusado será avaliado por equipe técnica de juízo, responsável pelo parecer sobre as condições psicológicas daquela pessoa. Se o acusado for inimputável, ao final do processo, será aplicada uma medida de segurança que, segundo a advogada, tem o objetivo de propiciar tratamento médico adequado ao indivíduo até sua recuperação. No caso dos semi-imputáveis, pode ser imposta pena ou medida de segurança, o que irá depender do grau da doença e da maneira como ela interferiu no momento do crime. “Importante frisar que, pelo sistema atual (sistema vicariante), não pode haver imposição cumulativa de pena e medida de segurança. A imposição é alternativa, uma ou outra e deve ser feita uma opção pelo juiz, dentro dos critérios legais”, acrescenta Nunes.

Ainda segundo a advogada, a defesa pode apresentar quaisquer provas que julgar adequadas para comprovar a inimputabilidade de seu cliente. O exame médico é obrigatório, contudo, as informações do perito só serão solicitadas se a defesa, a acusação ou o juiz as virem como pertinentes. De acordo com Nunes, a maior diferença é que, “ao final, o inimputável não será condenado, e sim absolvido, porque se entende que ele não praticou crime já que não tinha condições do caráter ilícito de sua conduta e de se determinar de acordo com esse entendimento. Por essa razão, o réu será absolvido. Contudo, trata-se de absolvição imprópria, impondo-se medida de segurança”.

“Para o direito penal, as pessoas portadoras de transtornos mentais graves estão sujeitas à medida de segurança e podem ser internadas em hospitais psiquiátricos.”

Marina Coelho Araújo, doutora em direito penal

Sobre a sentença

De acordo com a advogada Marina Araújo, “para o direito penal, as pessoas portadoras de transtornos mentais graves estão sujeitas à medida de segurança e podem ser internadas em hospitais psiquiátricos”. A decisão será cumprida nestas instituições quando a pena for de reclusão (o máximo de punição é o regime fechado) e, em regime ambulatorial, quando a pena for de detenção (em que o regime semiaberto é o máximo a ser cumprido). “Contudo, os Tribunais Superiores vêm dando interpretação diferente, com vistas a adequar a doença do indivíduo ao tratamento apropriado. Assim, comprovado no caso concreto que o regime ambulatorial é o mais adequado, mesmo que o crime seja apenado com reclusão, o sujeito, por meio de decisão judicial, poderá não ser internado em HCTP (Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico)”, explica a advogada Gabriela Nunes.

O Código Penal não determina um período de duração da medida de segurança. O prazo mínimo é de um a três anos e é necessária a realização

de perícia médica todos os anos para avaliar o progresso do paciente. Entretanto, atualmente, os Tribunais Superiores entendem que o prazo indeterminado é inconstitucional, pois a Constituição Federal de 1988 proíbe penas de caráter perpétuo. E, embora a medida de segurança tenha finalidade terapêutica, ainda possui caráter de pena. Por isso, o Superior Tribunal Federal estabeleceu 30 anos como a duração máxima de uma medida. “Já para o Superior Tribunal de Justiça, o tempo máximo da medida de segurança é o tempo máximo de pena para cada crime”, explica Nunes. Como exemplo, a advogada cita o furto simples que, de acordo com o artigo 155 do Código Penal, tem pena de prisão de um a quatro anos. Assim, o acusado poderia ser submetido à medida de segurança pelo período máximo de quatro anos, pois aplicar o prazo de 30 anos para todos os crimes, sem distinção, violaria o princípio da igualdade, ao tratar os desiguais com igualdade. No entanto, para a advogada, a questão ainda é bem controversa e está longe de ser pacificada.

ESTABELECIMENTOS DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO PSIQUIÁTRICOS (ECTPS)*

No Brasil, os primeiros manicômios judiciários – como eram conhecidos no passado – surgiram na década de 1920. Hoje, os Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTPs) e as Alas de Tratamento Psiquiátrico (ATPs), em presídios ou penitenciárias, atendem indivíduos com doença ou deficiência mental que cometeram crimes e foram submetidos à medida de segurança. Em 2011, um censo qualitativo e quantitativo sobre essa população foi elaborado por Debora Diniz, professora do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília (UnB). De acordo com a pesquisa – financiada pelo Ministério da Justiça –, o país contava com 26 estabelecimentos, e cerca de 5% dos internos apresentavam algum transtorno de personalidade (TP).

NO BRASIL – Um mapa com ECTPs e a população com Tratamento Psiquiátrico (TP), segundo censo de 2011

1 • CENTRO PSIQUIÁTRICO

JUDICIÁRIO PEDRO

MARINHO SURUAGY

Local: Maceió (AL) - Pop. com TP: 0

2 • HOSPITAL DE CUSTÓDIA E

TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO

DO AMAZONAS

Local: Manaus (AM) - Pop. com TP: 1

3 • HOSPITAL DE CUSTÓDIA E

TRATAMENTO DA BAHIA

Local: Salvador (BA) - Pop. com TP: 0

4 • INSTITUTO PSIQUIÁTRICO

GOVERNADOR STÊNIO GOMES

Local: Itaitinga (CE) - Pop. com TP: 2

5 • ALA DE TRATAMENTO

PSIQUIÁTRICO DO DISTRITO FEDERAL

Local: Gama (DF) - Pop. com TP: 2

6 • HOSPITAL DE CUSTÓDIA E

TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO ANTÔNIO

BATALHA BARCELOS

Local: Cariacica (ES) - Pop. com TP: 3

7 • UNIDADE DE SAÚDE MENTAL II

DE MATO GROSSO

Local: Cuiabá (MT) - Pop. com TP: 2

8 • CENTRO DE APOIO MÉDICO E

PERICIAL DE RIB. DAS NEVES

Local: Rib. das Neves (MG) - Pop. com TP: 1

9 • HOSPITAL PSIQUIÁTRICO E

JUDICIÁRIO JORGE VAZ

Local: Barbacena (MG) - Pop. com TP: 8

10 • HOSPITAL DE TOXICÔMANOS

PADRE WILSON VALE DA COSTA

Local: Juiz de Fora (MG) - Pop. com TP: 1

11 • HOSPITAL DE CUSTÓDIA E

TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO

DO PARÁ

Local: Belém (PA) - Pop. com TP: 3

12 • PENITENCIÁRIA DE PSIQUIATRIA

FORENSE DA PARAÍBA

Local: João Pessoa (PB) - Pop. com TP: 0

13 • COMPLEXO MÉDICO-PENAL DO

PARANÁ

Local: Pinhais (PR) - Pop. com TP: 12

14 • HOSPITAL DE CUSTÓDIA E

TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO

DE PERNAMBUCO

Local: Ilha de Itamaracá (PE)

Pop. com TP: 10

15 • HOSPITAL PENITENCIÁRIO

VALTER ALENCAR

Local: Altos (PI) - Pop. com TP: 0

16 • CENTRO DE TRATAMENTO EM

DEPENDÊNCIA QUÍMICA ROBERTO

MEDEIROS

Local: Rio de Janeiro (RJ) - Pop. com TP: 2

17 • HOSPITAL DE CUSTÓDIA E

TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO

HEITOR CARRILHO

Local: Rio de Janeiro (RJ) - Pop. com TP: 0

18 • HOSPITAL DE CUSTÓDIA E

TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO

HENRIQUE ROXO

Local: Niterói (RJ) - Pop. com TP: 3

19 • UNIDADE PSIQUIÁTRICA DE

CUSTÓDIA E TRATAMENTO

Local: Natal (RN) - Pop. com TP: 1

20 • INSTITUTO PSIQUIÁTRICO

FORENSE MAURÍCIO CARDOSO

Local: Porto Alegre (RS) - Pop. com TP: 8

21 • ENFERMARIA DA PENITENCIÁRIA

ESTADUAL ÊNIO PINHEIRO

Local: Porto Velho (RO) - Pop. com TP: 0

22 • HOSPITAL DE CUSTÓDIA E

TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO DE

SANTA CATARINA

Local: Florianópolis (SC) - Pop. com TP: 3



23 • HOSPITAL DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO II DE FRANCO DA ROCHA

Local: Franco da Rocha (SP)
Pop. com TP: 11

24 • HOSPITAL DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO DR. ARNALDO AMADO FERREIRA

Local: Taubaté (SP) - Pop. com TP: 44

25 • HOSPITAL DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO PROFESSOR ANDRÉ TEIXEIRA LIMA

Local: Franco da Rocha (SP) - Pop. com TP: 24

26 • HOSPITAL DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO DE SERGIPE

Local: Aracaju (SE) - Pop. com TP: 3

* Os estados do Acre, Amapá, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Roraima e Tocantins não possuem ECTPs.

CONSULTORIAS Gabriela Nunes Francisco, advogada graduada pela Universidade Estadual Paulista (Unesp); Marina Coelho Araújo, doutora em direito penal pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) e membro da Comissão de Direito Penal e Processual Penal da OAB/SP; Raquel Staerke, psicóloga e professora do Centro Universitário Celso Lisboa, no Rio de Janeiro (RJ).

FONTE A custódia e o tratamento psiquiátrico no Brasil - Censo 2011, por Debora Diniz.

Lidando com o **MAL**

Com o diagnóstico correto, é possível seguir medidas paliativas para conviver com o transtorno

TEXTO E ENTREVISTAS
NATÁLIA NEGRETTI



Impulsividade, irritabilidade e agressividade podem ser controladas por meio de medicações.

Nenhum transtorno mental é fácil de ser tratado, já que são manifestações complexas e que, por não serem doenças, não são passíveis de cura. O que ocorre, muitas vezes, é o controle dos sintomas, o que ameniza comportamentos agressivos e melhora a convivência social.

Isto é o que acontece no transtorno de personalidade antissocial. "Por não ser uma doença, não existe tratamento. Nem medicamentos e nem psicoterapia", afirma o psiquiatra Vladimir Bernik. Isso quer dizer que devemos nos refugiar nas colinas mais próximas fugindo dos psicopatas a solta? Não é bem assim...

Contornando os sintomas

Apesar de a ciência ter evoluído bastante, tornando capaz a identificação de diversas características da psicopatia, pouco se sabe sobre como controlar todos os sintomas do indivíduo considerado psicopata, porém, medidas paliativas têm demonstrado bons resultados. "Todos os tratamentos atualmente disponíveis são paliativos e não visam a cura do transtorno, mas o controle dos sintomas e comportamentos", conta o psicólogo Armando Ribeiro. O especialista destaca as terapias, como a **cognitivo-comportamental**, a **cognitiva dos esquemas** e a **comportamental dialética**, entre algumas das abordagens psicológicas mais usadas atualmente para lidar com o transtorno. "Elas apresentam dados positivos sobre a redução dos sintomas das psicopatias, principalmente no fortalecimento das conexões cerebrais relacionadas à empatia e ao controle do impulso", complementa.

Com toda sua complexidade e sintomas diversos, é comum que mais de uma terapia seja aplicada no indivíduo. "Não há um tratamento

eficaz para a psicopatia como um todo. Como a impulsividade, a irritabilidade e a agressividade são frequentes neste transtorno, medicações que controlam estes sintomas, tais como o carbonato de lítio, alguns anticonvulsivantes e antipsicóticos, são utilizados. Além disso, a psicoterapia cognitivo-comportamental costuma ser associada aos medicamentos", explica o psiquiatra Sérgio Tamai. Assim, na busca pelo controle (e não cura!) do mal, diversos profissionais são envolvidos com seus meios específicos.

Melhor do que remediar...

... é prevenir! O velho ditado também pode ser aplicado no caso de psicopatas. Apesar de não se saber completamente o motivo do desenvolvimento do transtorno, bem como o que seria o estopim que desencadeia o comportamento agressivo, o ambiente pode apresentar forte influência. Assim, possibilitar qualidade de vida desde a infância é fundamental para evitar o desenvolvimento da psicopatia. "A prevenção por meio de programas pré-escolares e o esclarecimento de pais e professores são medidas socioeducativas importantes para reduzir o aparecimento do transtorno em crianças e adolescentes. O encarceramento é comum a muitos portadores de psicopatia por conta da prática de crimes e atos violentos contra pessoas", destaca Ribeiro.

CONSULTORIAS Armando Ribeiro, psicólogo e coordenador do Programa de Avaliação do Estresse do Centro Avançado em Saúde da Beneficência Portuguesa de São Paulo; Sérgio Tamai, psiquiatra e presidente do Departamento de Psiquiatria da Associação Paulista de Medicina (APM); Stephen Paul Adler, psicanalista criador do ACT Institute Brasil; Vladimir Bernik, coordenador da equipe de psiquiatria do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, São Paulo (SP).

COMO FUNCIONAM AS TERAPIAS

Terapia cognitivo-comportamental: uma mescla de terapia cognitiva e de terapia comportamental, é considerada uma das técnicas mais eficazes no tratamento de transtornos mentais. É guiada pelo diagnóstico do transtorno e pela análise do problema individual.

Terapia cognitiva dos esquemas: desenvolvida pelo psicólogo norte-

americano Jeffrey Young, a técnica foca no tratamento de diversos transtornos de personalidade. O objetivo é mudar a forma de encarar, interpretar e reagir aos estímulos, chamado de esquema.

Terapia comportamental dialética: desenvolvida especialmente para o tratamento de transtornos de personalidade, busca resolver conflitos de forma reacional por meio de sua exposição direta, ao mesmo tempo em que prioriza a qualidade de vida do paciente.

O PODER DA HIPNOSE

Uma das terapias que pode ser aplicada nos casos de psicopatias é a hipnose. De acordo com Stephen Paul Adler, psicanalista que aplica a hipnose Ericksoniana, voltada à resolução de trauma psicológico, focalização e treinamentos corporativos, os psicopatas estão em uma espécie de transe destrutivo negativo, ficando muito sensíveis ao transe hipnótico. "Eles normalmente sofrem de má ligação e um transtorno de apego a si mesmos. A hipnose pode ser usada para refazer uma conexão para que eles possam eventualmente tornar-se conectado com firmeza. Um indivíduo bem conectado tem conhecimento de outras pessoas e suas necessidades e vive a vida em uma base relacional", explica Adler. Seguindo esta linha de tratamento, quem sofre do transtorno pode ser curado, porém, é um caminho longo: "pode ser feito através de transe hipnóticos positivos que permitem que o paciente relembra traumas passados ou experiências negativas da família e construa um final diferente e saudável. Um final que deveria ter acontecido, mas não o fez", conta o especialista. Contudo, é importante destacar que nem todos os casos podem ser resolvidos. "Nem todas as abordagens funcionam com qualquer um. Cerca de 95% de toda a mudança de comportamento começa no inconsciente", relata.

AMOR ou ÓDIO?

Conheça os motivos que levam homens e mulheres a cometerem crimes passionais

TEXTO E ENTREVISTAS ÉRICA AGUIAR/COLABORADORA





O que leva uma namorada a agredir seu amado? Ou um cônjuge a tirar a vida de sua parceira? Em um clássico da literatura inglesa, o general *Otelo* é tomado pelo ciúme e convencido pelo soldado *Iago* que havia sido traído por *Desdêmona*, sua esposa. O militar, então, a asfixia e, ao descobrir a verdade, apunhala-se, tirando a própria vida.

Na obra de Shakespeare

O ciúme é narrado desde a Antiguidade, mas a expressão “verde de ciúme” surgiu devido à obra *Otelo, o Mouro de Veneza*, do dramaturgo inglês William Shakespeare. A frase apareceu por conta da cena em que o soldado *Iago* – que manipula o general *Otelo* – afirma que “o ciúme é um monstro de olhos verdes, que zomba da carne de que se alimenta”.

Na história, o velho general *Otelo* havia se apaixonado e casado com a jovem e bela *Desdêmona*. No entanto, o soldado *Iago* faz de tudo para abalar o casamento e alcançar seu objetivo: obter o cargo de tenente, que havia sido concedido ao soldado *Cássio*. *Iago*, então, convence *Otelo* de que *Desdêmona* e o soldado recém-promovido estão tendo um caso extraconjugal. O general fica descontrolado e asfixia a própria esposa, motivado pelo ciúme. No entanto, ao saber que tudo não se passava de uma armação, apunhala-se e cai morto sobre o corpo de sua mulher.

Fora da ficção

Crimes passionais que levam à morte, agressão física, mutilação genital ou qualquer outra espécie de violência não existem apenas em livros, filmes e peças de teatro. Muitos *Otelos* e *Desdêmonas* estão espalhados pelo mundo. As psicanalistas Maria Thereza Coelho e Rosilene Santiago explicam que um crime passionais pode ocorrer “quando uma pessoa passa por experiências que envolvem o término de um relacionamento por parte do parceiro (motivado por uma terceira pessoa) ou o relacionamento se encontra em vias de romper (pelo mesmo motivo)”. Os agentes também podem ser motivados pela dúvida da traição e sentimentos como ciúme e ódio, em relação à parceira e ao “rival”. Além disso, não têm a possibilidade de “descarregar o excesso de energia psíquica e denominar o que lhe ocorre”, acrescentam.

Ainda segundo as especialistas, o indivíduo pode ficar descontrolado, ansioso, impulsivo e também consumir substâncias psicoativas que o levam a ações não planejadas. “No momento do crime, ele perde o controle sobre si e seus atos. Às vezes, tem um lapso de memória em relação à própria ação criminosa, significando-a como fraqueza, tentação demoníaca, defesa da honra, dentre outros sentidos”, complementam.

De acordo com o psicólogo João Alexandre Borba, para uma pessoa cometer um crime passionais, é preciso que acumule a raiva por muito tempo até perder o controle. “Nunca uma pessoa vai virar, de repente, e tomar uma atitude exasperada ou que cause um mal ao outro. Se ela fizer isso, é porque já vem agredindo o próximo”, explica.

Uma pessoa pode cometer crime passionais quando sentimentos como raiva e ciúme se acumulam por muito tempo.

DE OLHO NO TRANSTORNO

Se os problemas com a autoexpressão forem identificados logo no início, no caso de relacionamentos amorosos, o melhor é procurar uma terapia de casal. Contudo, caso o agressor seja um psicopata, "o ideal é se afastar mesmo.

Se for um grau de psicopatia mais leve, o casal pode procurar ajuda", explica o psicólogo João Alexandre Borba.

Escudo errado

Quem está dentro de um relacionamento amoroso em conflito pode perceber os primeiros sinais de raiva, agressão física e psicológica da parte do parceiro. Além disso, é possível notar se há algum sentimento reprimido. "A raiva, quando muito acumulada, é um sentimento que funciona para proteger outra emoção", afirma Borba.

Também de acordo com o psicólogo, o ideal seria expressar o que a está causando; no caso, pode ser o sentimento de tristeza ou a insegurança. "Quando esse nível de autoexpressão não acontece, a pessoa começa a se perder e isso gera um descontrole. E aí, no momento em que passa a perder quem ela é, realmente pode fazer uma besteira". O suicídio ou a agressão física a outrem podem ser algumas das consequências.

É psicopatia?

O indivíduo que se descontrola diante de uma situação de intensa emoção nem sempre é um portador do transtorno de personalidade antisocial (saiba mais na página 4). Muitas vezes, ele perdeu o controle e não conseguiu manter um nível saudável de sanidade naquele momento. Contudo, segundo Borba, no caso de um crime em que se tira a vida de alguém de uma maneira descomunal, "pode-se contar que há alguns traços de psicopatia no meio", destaca.

Por outro lado, se o indivíduo for um psicopata – em um nível severo –, é capaz de assassinar e usar o outro para alcançar seus objetivos ou para adquirir status. "O nível de racionalização do psicopata é altíssimo; eles não têm emoção. Se alguém é muito sensível, vive sofrendo e não sabe o que fazer com esse sofrimento, está sempre se lamentando e, então, encontra um psicopata, para ele, essa pessoa é um prato cheio", explica o psicólogo. O fato é que o psicopata irá utilizar uma pessoa frágil e insegura para conquistar o que deseja. E, quando tal vítima não "servir" mais, é possível que ele a torture, ataque e cometa um crime, mesmo sem motivos aparentes.

Contudo, no caso de uma raiva extrema, a origem está na dificuldade em expor as próprias emoções, o que leva ao descontrole emocional "porque, se quer demonstrar o amor e não consegue, na hora em que o companheiro fizer algo que agrida ou que ele critique o fato de não demonstrar amor, a pessoa pode ficar agressiva", explica Borba. Como o indivíduo está lutando para demonstrar e não consegue, ele pode se sentir cobrado e humilhado e, assim, desenvolver a raiva. "O psicopata não

tem essas emoções; ele vai sentir algo, ou sentir que está compreendendo. Daqui a pouco, ele faz alguma coisa para poder conseguir o poder, o status ou pela própria diversão", acrescenta o psicólogo.

Questão de poder

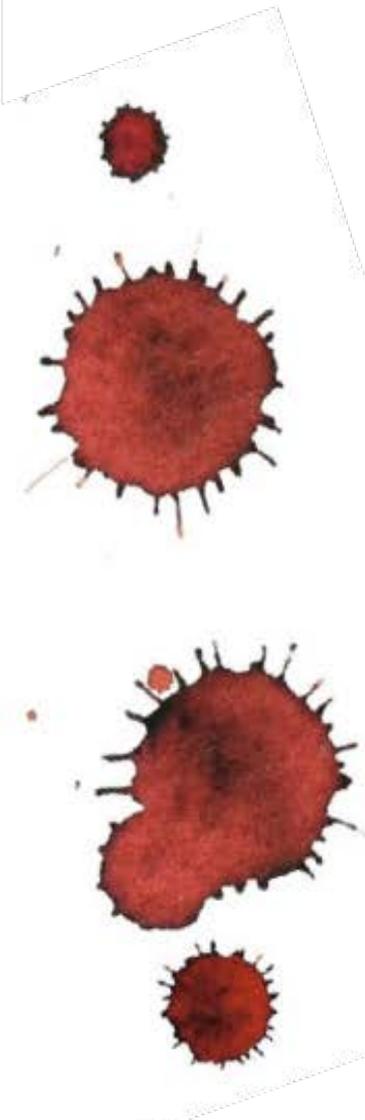
Em 2010, Santiago e Coelho publicaram o artigo *A violência contra a mulher na perspectiva de homens presos que cometeram o crime passionnal*. Elas desenvolveram um estudo qualitativo em duas unidades prisionais em Salvador, na Bahia, para saber o que levava alguns homens a praticarem o crime passionnal dentro de um relacionamento. "A nossa pesquisa não contemplou os aspectos psicopatológicos do crime passionnal, mas possibilitou ver que tal crime pode ocorrer tanto entre pessoas de estrutura neurótica quanto entre indivíduos com diversos transtornos psicológicos e de personalidade. A baixa tolerância à frustração e à perda da pessoa amada podem desencadear passagens ao ato em indivíduos com personalidades variadas", explicam as autoras.

Ainda de acordo com a pesquisa, a violência de gênero está associada às desigualdades presentes nas relações de poder construídas na sociedade, entre homens e mulheres. "Historicamente, o patriarcado e o machismo deram origem a uma lei que defendia essa forma de violência como um ato por amor, em legítima defesa ou honra, inocentando os homens que a cometiam", acrescentam as psicanalistas.

Para a lei

Segundo a advogada Danielly Ferlin, os crimes passionais são aqueles cometidos em razão da paixão, mesmo que platônica. "É necessário que haja um vínculo entre estas pessoas, seja ele afetivo, sexual ou econômico. Ou seja, muitos passionais acreditam que, por sustentarem financeiramente sua parceira, esta é sua propriedade", explica. Por isso, nem todo delito no âmbito amoroso é caracterizado como passionnal. Existem crimes, por exemplo, que visam a obtenção do seguro de vida do cônjuge.

Não há, na legislação brasileira nem no Código Penal, um conceito de crime passionnal. Não existem artigos específicos que tratam sobre o tema. "O nosso Código fala que os crimes praticados por emoção ou paixão não excluem a imputabilidade. A pessoa não vai ser considerada inimputável; vai ser considerado um crime da mesma forma. Mas, de uma forma geral, isso é tido como uma atenuante", acrescenta a advogada Helena Lobo da Costa.



No país, o principal crime passionai é o homicídio consumado e a tentativa de praticá-lo. De acordo com Ferlin, “de cada dez assassinatos cometidos, ao menos um tem como motivo o ciúme excessivo e inconformismo com o fim de relacionamentos amorosos. Neste ponto, ainda devemos ressaltar a questão do medo da vítima e de seus familiares. Muitos casos não chegam a ser noticiados perante à autoridade competente por medo das vítimas”.

Sobre a sentença

Crimes de violência doméstica nem sempre são passionais. Entretanto, nos casos de atos praticados contra a mulher, existe a Lei Maria da Penha (nº 11.340) que prevê a aplicação de algumas medidas protetivas de urgência como afastamento do lar, delimitação de distâncias que o agressor deve ficar longe da vítima, proibição de comunicação, restrição ou suspensão de visitas aos filhos e enteados.

Já nos casos de homicídios passionais, segundo Ferlin, “o trâmite processual é o mesmo de qualquer homicídio, analisando-se as qualificadoras do crime, e o julgamento ocorre através do Tribunal do Júri, onde o Conselho de Sentença é formado para que o acusado seja condenado ou inocentado”. Mesmo que o autor do crime apresente alguma patologia psíquica, é necessário avaliar se ele sabia o que estava fazendo no momento do crime e se é capaz de determinar o próprio comportamento. Só assim, é possível aplicar uma sentença.

Ainda segundo a advogada, “o agente que mata a vítima por questões passionais quer exercer, por meio da eliminação física, o ilimitado direito de posse que julga ter: ‘se não é minha, não será de mais ninguém’”.

“De cada dez assassinatos cometidos, ao menos um tem como motivo o ciúme excessivo e inconformismo com o fim de relacionamentos amorosos.”

Danielly Ferlin, advogada

Imagens: Shutterstock Images

CONSULTORIA Danielly Ferlin, advogada da área cível e empresarial; Helena Lobo da Costa, professora associada na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) e colaboradora no Instituto Brasileiro de Ciências Criminais; João Alexandre Borba, psicólogo; Maria Thereza Ávila Dantas Coelho, professora na Universidade Federal da Bahia e psicanalista membro do Colégio de Psicanálise da Bahia; Rosilene Almeida Santiago, psicanalista e psicóloga no CAPSI (Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil) de Camaçari, na Bahia, e membro do Instituto Viva Infância.

FONTE Artigo *A violência contra a mulher na perspectiva de homens presos que cometeram o crime passionai*, de Rosilene Almeida Santiago e Maria Thereza Ávila Dantas Coelho.





Psicopatas

na ficção

Os
personagens
mais famosos
em séries,
livros e filmes

TEXTO NATÁLIA NEGRETTI



Dexter

Quando o assunto é psicopata, *Dexter Morgan* é o representante número um no mundo das séries. Protagonizando a atração que leva seu nome, o personagem é um policial durante o dia e... um assassino à noite! A obra é baseada nos livros de Jeff Lindsay e estreou em 2006, contando a história de *Dexter*, um assassino em série que trabalha como analista forense na polícia de Miami, nos Estados Unidos. Ainda criança, o personagem teve o perfil psicopata diagnosticado pelo pai adotivo, que ensina o garoto a seguir um código, em que ele pode saciar suas vontades sanguinárias matando apenas aqueles que merecem, que para ele são outros assassinos.

Dexter cresce escondendo seu lado sombrio durante o dia e “fazendo justiça” durante a noite. Porém, ao longo da série, o cerco vai se fechando, e fica cada vez mais difícil ocultar seus instintos, principalmente daqueles que ele ama, como sua família e sua esposa. A atuação do ator Michael C. Hall para a adaptação em série de TV foi tão boa que rendeu o prêmio de melhor ator no Globo de Ouro, em 2009.

Hannibal Lecter

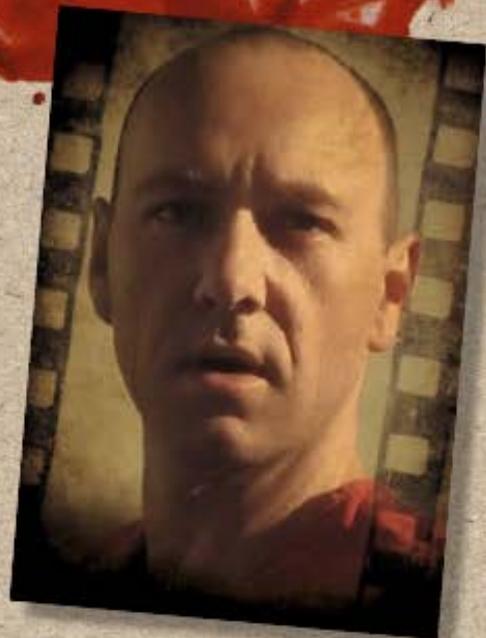


Difícil não se deixar levar pelo poder de convencimento deste personagem tão complexo. Interpretado pelo premiado ator Anthony Hopkins, o personagem *Hannibal Lecter* faz parte de diversos filmes, tamanho foi o sucesso do primeiro longa, *O Silêncio dos Inocentes*, de 1991. Em seguida, vieram *Dragão Vermelho*, *Hannibal* e *Hannibal – A Origem do Mal*, todos em torno deste personagem enigmático. *Dr. Lecter* é um psiquiatra com tendências canibais e assassinas. Criado pelo escritor Thomas Harris, é conhecido como um dos assassinos mais frios e inteligentes da ficção. Isso porque possui uma personalidade calma e centrada, ao mesmo tempo em que é um assassino sem piedade.

Longe da imagem de um psicopata desequilibrado, *Hannibal* possui um perfil meticuloso e inteligente. Mesmo após ser capturado, o assassino ajuda a polícia a perseguir outros criminosos. Porém, até que ponto se pode confiar em um psicopata? Além dos filmes, ainda há a série *Hannibal*, com a mesma abordagem psicopática assassina.

John Doe

Poucos filmes conseguiram prender o espectador do começo ao fim como *Seven – Os Sete Crimes Capitais*, de 1995. A trama envolve dois detetives em busca de um assassino em série que baseia seus crimes nos sete pecados capitais: gula, avareza, inveja, luxúria, ira, preguiça e orgulho. O criminoso em questão é *John Doe* (Kevin Spacey), que se mantém ausente fisicamente durante boa parte do filme. *John* extermina suas vítimas inspirado no pecado que ela mais comete, como ao obrigar um homem a comer até a morte, representando o pecado da gula. Ao ser revelado, *Doe* apresenta uma personalidade doentia e sádica, e não se considera um assassino ou um psicopata. Acredita estar fazendo o melhor para essas pessoas, já que elas haviam sucumbido doentamente a algum dos pecados. O passado do personagem envolve uma infância com abusos da mãe alcoólatra e a traição de sua esposa. O acúmulo de todas essas emoções junto ao transtorno de personalidade antissocial colaboraram para a transformação de *John Doe* em um psicopata que mata em nome de Deus.



Jigsaw



Quem assistiu a algum dos oito filmes da saga *Jogos Mortais* já deve ter escutado a frase “eu quero jogar um jogo”. O autor dela é *John Kramer* (Tobin Bell), um serial killer maníaco por jogos de tortura. O assassino sequestra pessoas que considera que não dão valor para a própria vida, e as submete a jogos psicológicos de tortura e armadilhas mortais. *Kramer* não se considera um psicopata, já que acredita ajudar essas pessoas, dando a elas uma segunda chance para viver. O personagem é um engenheiro civil vítima de um câncer de cólon; ao saber que seu caso não teria cura, tenta cometer suicídio jogando o próprio carro em uma ribanceira. Ao sobreviver ao acidente, vê uma segunda chance para sua vida e decide fazer o mesmo com outras pessoas, porém, de forma bem mais macabra. *Kramer* se apresenta como o boneco *Jigsaw*, que tortura suas vítimas envolvendo o sacrifício de algum ente querido do prisioneiro em questão, ou algum valor moral muito importante para a vítima (como fobias ou traumas de infância). A assinatura do serial killer é o desenho de uma peça de quebra-cabeça no corpo da vítima, uma brincadeira com seu próprio nome, *Jigsaw*, que significa “peça de quebra-cabeça” em inglês.

Annie Wilkes

Com os traços característicos de um psicopata, *Annie Wilkes* apresenta mudanças abruptas de humor e ataques de fúria imprevisíveis. É personagem do romance *Misery: Louca Obsessão*, escrito por Stephen King foi lançado em 1987. A obra fez tanto sucesso que ganhou uma adaptação nos cinemas, com o filme *Louca Obsessão*, de 1990, estrelado por Kathy Bates no papel de *Annie Wilkes*, lhe rendendo o Oscar de melhor atriz.

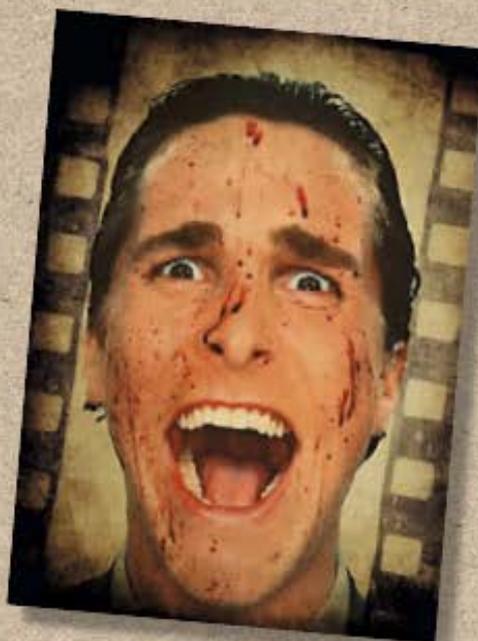
Annie é uma ex-enfermeira que vive isolada em um sítio, até que encontra o escritor *Paul Sheldon* ferido após uma nevasca próximo ao local em que vive. Ao vê-lo machucado, a enfermeira o leva para sua casa, para cuidar dele até que a estrada esteja desimpedida pela nevasca. Quando o escritor retoma a consciência, *Annie* diz ser sua fã e apaixonada pela personagem *Misery*, de um dos romances de *Paul*, e pelo próprio escritor. Porém, *Sheldon* começa a achar que existe algo estranho na ex-enfermeira, pois percebe que ela não tem pressa em levá-lo ao hospital. Quando *Annie* descobre que *Misery* morre no livro, obriga o escritor a escrever uma nova obra para trazer sua personagem favorita de volta, mantendo *Paul* preso na cama. *Annie* chega ao ponto de quebrar seus tornozelos com uma marreta, para garantir que ele não fugisse.



Patrick Bateman

Não poderia haver nome melhor para o filme estrelado por Christian Bale no papel de *Patrick Bateman: Psicopata Americano*. O longa de 2000 conta a história de *Bateman*, um jovem bem sucedido, bonito, narcisista, apreciador do luxo e da riqueza, que atua entre investidores e acionistas na Wall Street, em Nova York. Porém, o que o galã esconde é seu prazer em matar, sendo um verdadeiro serial killer. Impulsionado pelo materialismo e pela inveja, *Bateman* comete crimes com justificativas banais, como assassinar um colega de trabalho apenas porque ele tem um cartão de visita de melhor qualidade que o dele.

Muitas características do transtorno de personalidade antissocial podem ser identificadas no protagonista, como seu comportamento frio e egoísta. Além disso, sofre com ataques de psicose, tornando seu comportamento ainda mais sinistro. Porém, diferentemente da maioria dos serial killers, *Bateman* não possui um tipo específico de vítima. Ele dá fim àqueles que entram em seu caminho e têm algo (material ou não) que ele não possui. O gatilho para seu desejo de matar é a busca incessante pela perfeição profissional e estética.



Peyton Flanders

A personagem central do longa *A Mão que Balança o Berço*, de 1992, concentra várias características psicopatas, principalmente a vontade de conseguir o que quer. Interpretada por Rebecca De Mornay, *Peyton Flanders* é uma mulher traumatizada com o suicídio do esposo e a perda de seu filho. Porém, decide trabalhar justamente na casa da mulher que fez seu marido se matar para, então, buscar sua própria vingança. A moça apresenta-se como uma candidata perfeita para a vaga de babá: é educada e muito dedicada. Ela começa a se apegar à filha da patroa e quer ficar com a bebê para si. Por isso, passa a fazer de tudo para eliminar a mulher, como preparar uma armadilha na estufa. *Peyton* arma as maldades de forma indireta, sem levantar suspeitas, e aos poucos vai destruindo a vida de toda a família sem ser descoberta, até ficar fora de si...



Norman Bates

Um dos psicopatas mais conhecidos da telona arrancou muitos gritos no filme *Psicose*, de 1960, do conceituado diretor Alfred Hitchcock. Inspirado em Ed Gein, um dos serial killers mais famosos dos Estados Unidos, *Norman Bates* (Anthony Perkins) é um jovem tímido, criado por sua mãe *Norma Bates* de forma muito autoritária, o que o fez ter uma personalidade inconstante e possessiva. Após a morte do pai de *Norman*, mãe e filho ficam ainda mais próximos, até que ela arruma um namorado, despertando um ciúme enlouquecedor no filho. Em uma espécie de complexo de Édipo, o rapaz envenena a própria mãe e o namorado. Depois disso, o personagem apresenta um transtorno psicológico em que assume a personalidade da mãe em alguns momentos. Além disso, o assassino mantém o corpo da mãe em seu quarto por anos, vivendo em um hotel da família. Quando a jovem *Marion Crane* se hospeda no hotel de *Bates*, o assassino apaixonou-se pela garota ao mesmo tempo em que assume a personalidade ciumenta da mãe, assassinando a facadas a garota no chuveiro, vestido com as roupas de *Norma*, em uma das cenas mais clássicas do cinema.

Atualmente a série de TV *Bates Motel* é um prólogo da trama, que retrata a vida de *Norman* e de sua mãe antes dos eventos do filme.



Amy Dunne

Outra personagem que saiu dos livros direto para as telonas, *Amy Dunne* (Rosamund Pike) é a personagem central da obra *Gone Girl*, de Gillian Flynn, que ganhou o título *Garota Exemplar* nas telonas, em 2014. Trata-se de um ótimo exemplo de psicopata, já que *Amy* vai até as últimas consequências para conseguir o que quer. A personagem é uma jovem linda e doce que passa a imagem de “cool girl”, ou garota legal, aparentemente sem defeitos, que se dá bem com todo mundo. Porém, por trás do rosto angelical, *Amy* se apresenta como uma verdadeira manipuladora e mentirosa, envolvendo a todos que cruzarem seu caminho, como seu marido. Sob a impunidade que a imagem de “mulher perfeita” a fornece, ela trama uma história visando somente seu benefício próprio, em nome do poder, do egoísmo e da absoluta falta de empatia. Um verdadeiro caso de psicopata dissimulada e sem escrúpulos.



Joe Carroll

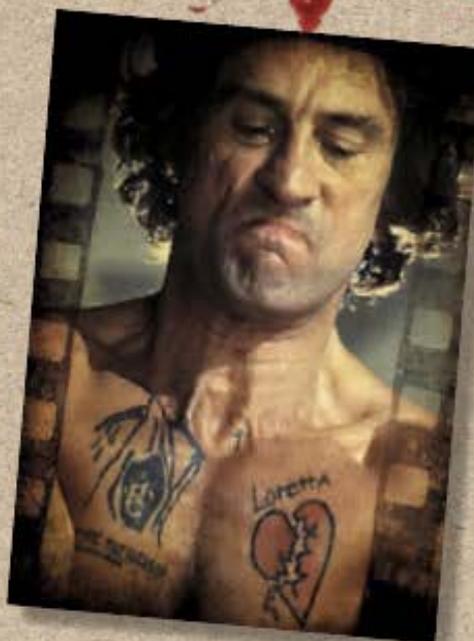
Mais um representante das séries, *Joe Carroll* (James Purefoy) é um sedutor professor de literatura na série de TV *The Following*. Carismático e pai de família, ele se revela um serial killer e vai parar na cadeia após matar de forma cruel 14 alunas na universidade onde lecionava. Nove anos mais tarde, *Joe*, condenado à morte, escapa da cadeia e passa a reunir uma rede de discípulos, criando uma verdadeira seita de homicidas que agem segundo suas instruções. Com seus seguidores e esperteza de sobra, *Joe* volta a matar.

O protagonista é um assassino carismático, inteligente e estrategista, que consegue atingir psicologicamente o detetive que está atrás dele. Bem psicopata, não? O espectador nunca sabe qual será seu próximo passo.



Max Cady

Acusado por assassinatos e estupros e por culpa de seu advogado de defesa que ocultou informações importantes do caso, *Max Cady* (Robert De Niro), personagem central do filme *Cabo do Medo*, de 1991, passa 14 anos na cadeia. Porém, usa esse tempo para planejar sua vingança e se aprofundar no estudo de direito. Ao sair da prisão, põe em prática um jogo psicológico com seu advogado, tudo dentro da lei, revelando sua natureza psicopata. Entre seus planos, *Max* seduz a filha do advogado e coloca em risco a vida de todos da família. A atuação de Robert De Niro valeu uma indicação ao Oscar como melhor ator.



Mito ou verdade?



Tire suas dúvidas sobre
alguns fatos relacionados
à psicopatia

TEXTO NATÁLIA NEGRETTI
ENTREVISTAS NATÁLIA NEGRETTI E
ÉRICA AGUIAR/COLABORADORA

Tamanho a complexidade do transtorno social psicopático, naturalmente acabam surgindo muitas questões em torno do tema. Selecionamos as principais dúvidas e identificamos o que é mito e verdade sobre psicopatia.

Todo psicopata é manipulador?

VERDADE. Esta é uma das principais características do portador do distúrbio. “Ele elege determinadas pessoas com personalidade submissas, frágeis ou dependentes e em circunstâncias ideais (que estão passando por períodos difíceis da vida, por exemplo) para exercer seu poder de sedução e manipulação”, explica a psiquiatra Andrea Kraft.

É possível adquirir o transtorno ao conviver muito com um psicopata?

MITO. Apesar de a causa da psicopatia não ser completamente decifrada, sabe-se que não é algo totalmente recorrente de fatores externos, como a convivência. “Porém, este tipo de personalidade tem um grande poder de sedução e manipulação para convencer suas vítimas a praticar atitudes amorais e, até mesmo, cruéis”, lembra Andrea.

Pessoas com transtorno social psicopático são mais inteligentes?

MITO. Segundo o psiquiatra Vladimir Bernik, não há comprovações científicas quanto ao nível intelectual dos psicopatas. “Analisado do ponto de vista das alterações de seu comportamento, quanto mais elaborada esta agressão ao convívio social, mais sugere ser produzida por pessoas aparentemente de bom nível intelectual. Mas, estatisticamente falando, não existe nenhuma vantagem de inteligência na média dos psicopatas em relação à população em geral”, afirma.

Psicopatas podem ser considerados loucos?

MITO. Bernik ressalta que a psicopatia não é uma doença mental. “O psicopata, ou PP, no jargão psiquiátrico, é uma pessoa com transtorno de caráter e de conduta. Jamais ‘louco’ na linguagem popular”, explica. “A psicopatia difere da demência por não haver prejuízo na cognição (memória, capacidade de raciocínio e planejamento). Não há tampouco a existência de sintomas psicóticos (delírios ou alucinações) como na esquizofrenia. O psicopata tem consciência de que está mentindo, manipulando as pessoas e transgredindo regras. Entretanto, é incapaz de ter remorso ou empatizar com o sofrimento ou sentimento do outro”, afirma o psiquiatra Sérgio Tamai.

Situações estressantes podem levar a comportamentos psicopatas?

MITO. “Situações estressantes podem agravar grande parte das doenças mentais, mas não é o caso da psicopatia, que é um transtorno de caráter e de personalidade”, explica Bernik.

Trolls (pessoas que gostam de tumultuar em fóruns de discussão e em redes sociais na internet), hackers e stalkers (pessoas que espionam a vida de outras pessoas pela web) podem ser considerados psicopatas?

VERDADE. “Todas as pessoas que deliberadamente infringem as regras de conduta moral requerida pela vida e para a vida em sociedade, tanto no mundo real quanto no virtual, têm características de psicopatia”, afirma Bernik. No entanto, é importante destacar que não se deve generalizar este diagnóstico.

Psicopatas são incapazes de amar?

VERDADE. Trata-se de uma característica central do transtorno. “O amor para eles se aproxima mais do sentimento de posse e da possibilidade de uso do outro a serviço de seus interesses. Por exemplo, um psicopata pode chorar a morte da mãe se ela o sustentava financeiramente”, expõe Tamai.

Animais podem ser diagnosticados como psicopatas?

MITO. O comportamento de alguns animais, como ratos, corujas e hamsters que matam suas crias (chegando, algumas vezes, a até comê-las), não pode ser comparado ao dos seres humanos. “Quanto aos animais, parece que esses matam por uma questão de seletividade e manutenção da espécie. O homem mata por razões muito menos nobres”, destaca a psicóloga Raquel Staerke.

Psicopata é o mesmo que sociopata?

VERDADE. O psicólogo Armando Ribeiro esclarece que os termos são sinônimos, mas complementa: “Segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), da Organização Mundial da Saúde, a nomenclatura atualmente correta é personalidade dissocial ou antissocial”.